O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 11 DE OUTUBRO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:305

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Conselheiro Guilhermino de Barros. —José Henriques Ferreira de Carvalho.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Os consumidores.—A syndicancia á escola de viticultura Alexandre de Seabra.—Folhetim: Os Crentes. —Fabricação de tintas e lacres.—As nossas possessões africanas.—Carta de Cantanhede.—Secção historica.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historica-Politica.

AVEIRO

CONSELHEIRO GUILHERMINO DE BARROS

O nosso collega lisbonense, *O Diario Illustrado*, dando o retrato do illustre director geral do commercio e industria, sr. conselheiro Guilhermino de Barros, acompanha-o das seguintes palavras, tão justas quanto merecidas:

«Dirigiu durante annos com extraordinaria competencia e superior zelo o serviço dos correios e telegraphos, representando tambem por vezes o paiz no estrangeiro em congressos da especialidade, honrando-nos com a sua illustração que lhe permittiu sempre figurar com brilhantismo.

Sob a sua direcção, desenvolveram-se de uma maneira notavel os serviços a seu cargo, sendo tão grande o numero de melhoramentos introduzidos pelo prestimoso funccionario, que se nos tornaria impossivel n'este momento mencional-os.

O sr. conselheiro Guilhermino de Barros, elogiado por todos os governos, pelos seus subordinados, e pelo publico, porque toda a gente sem distincção de classes ou de côr politica faz justiça aos seus talentos e probidade, acaba de largar aquelle seu importante cargo, contrariando assim os desejos do funccionalismo dos correios e telegraphos, os do governo e os do paiz, podemos assim dizel-o, que está convencido de que a s. ex.ª muito devem os serviços que por largos annos lhe estiveram submettidos.

Atinou-se com um desfalque cuja responsabilidade se averiguou pertencer ao empregado Genest Mayer, que se acha preso. Foi ordenada uma syndicancia, poz-se tudo bem a limpo, ficando bem assente, bem claro, que nenhuma responsabilidade nem effectiva nem moral pertencia ao director geral; no entanto o sr. Guilhermino de Barros, finda a syndicancia pediu a exoneração do cargo, que lhe foi negada pelo governo. Insistiu, porém, e o governo viu-se obrigado a contemporisar, satisfazendo em parte aos desejos do probo funccionario. Não querendo privar-se dos serviços de um tão distincto membro da burocracia, accedeu em afastal-o dos correios, sendo então feita uma permuta entre o director geral dos correios, o sr. Guilhermino de Barros e o sr. conselheiro Ernesto Madeira Pinto, director geral do commercio e industria, funccionario do qual em outro artigos nos occuparemos.

No *Diario do Governo*, na portaria que auctorisava a troca dos dois logares, vinha tambem o publico testemunho dos serviços prestados ao paiz pelo sr. Guilhermino de Barros, fazendo-lhe o ministro os louvores a que tinha jus.

Não traçamos a sua carreira burocratica, porque além de não termos á mão os apontamentos para isso, se tornaria sem duvida ocioso.

Já uma vez publicámos o seu retrato, acompanhando-o de uma biographia e Camillo Castello Branco, escrevendo a seu respeito no *Correio da Europa*, da primeira quinzena de janeiro de 1883, pintou com aquelle colorido que elle sabia dar aos seus escriptos, toda a valia moral de Guilhermino de Barros, todo o seu merecimento como homem de lettras, fazendo resaltar toda a importancia da sua individualidade. Se não reeditamos o trabalho do mestre, muito menos intentaremos uma paraphrase.»

Acompanhamos na justissima homenagem ao consciencioso e digno director geral, o nosso esclarecido collega.

O sr. conselheiro Guilhermino de Barros não é só um funccionario distincto e um eminente homem de letras. E' um prestante cidadão d'este paiz, que lhe deve vastos e relevantes serviços, e que se costumou a ver n'elle uma das suas individualidades mais respeitaveis e mais sympathicas. A nós, é sempre grato poder referir-nos com o merecido louvor ao venerando caracter e ás altas qualidades do illustre cidadão.

Folgamos, pois, com o preito que lhe consagra o *Illustrado*, e associamos-nos a elle com prazer.

JOSÉ HENRIQUES FERREIRA DE CARVALHO

VII

Já estava composto o meu ultimo artigo, quando recebi o *Conimbricense* de 26 de setembro ultimo, em que deparei com um artigo intitulado *Vieira de Castro*. São novos esclarecimentos com relação á biographia do sr. José Henriques, a que julgo dever fazer ainda uns ligeiros reparos.

Ao illustre redactor do *Conimbricense* e meu presadiscimo amigo o sr. Joaquim Martins de Carvalho, dirigiu o distincto clinico, sr. J. Lemos, que fôra quem forneceu ao *Albergariense* as notas biographicas do sr. José Henriques que este publicou uma extensa carta, em que procura sustentar o que primeiro escrevera. O sr. Lemos, porém, não só não conseguiu destruir uma unica das objecções que se lhe fizeram, como até mesmo cometteu outras inexactidões, como terei occasião de mostrar; isto ainda além das que de novo o sr. Martins de Carvalho agora indica.

Diz o sr. J. Lemos na sua carta ao *Conimbricense*:

«Conversando com o fallecido sr. José Henriques Ferreira sobre alguns dos caracteres, que figuraram nos acontecimentos politicos d'esse tempo, contava elle, para mostrar a inconstancia, ou antes a infidelidade de Vieira de Castro, o facto que apontei.

Apresentei Vieira de Castro como ministro; é verdade que o foi no triumvirato da revolução de setembro; mas eu é que não sabia se o tinha sido depois alguma outra vez.

E certo que o sr. José Henriques sahiu para Africa ou em fins de 1839 ou principio de 1840, e que por lá se demorou, cerca de dois annos. O que era então Vieira de Castro?

E certo que Cabral estava no ministerio, onde era preponderante, e contra quem se armavam muitos clubs; foi a um d'esses que José Henriques foi levado pelo seu amigo Mendes Leite, e onde encontrou Vieira de Castro. Não podia ser antes, porque José Henriques estava em Africa; tambem não podia ter sido em 1836, porque José Henriques era setembrista; era dos poucos deputados do norte, que, tendo desembarcado, acompanharam o povo, que os acclamava, até a S. Bento, d'onde o povo se dispersou.

A demissão dada por Costa Cabral a Vieira de Castro em 1842 de guarda-mór da Torre do Tombo póde ser mesmo mais um motivo da volubilidade de caracter, unindo-se pouco depois com elle.

Seja porém como fôr, o que contei foi-me repetido algumas vezes pelo sr. José Henriques.

E' possivel todavia, que houvesse confusão de Vieira de Castro com outros; pois que a sua memoria dos nomes não estava ha annos muito feliz, podendo confundir Vieira de Castro com um outro Castro, que foi ministro desde 14 de setembro de 42 até 21 de abril de 46.»

Em resposta a isto escreveu com a proficiencia que todos lhe reconhecem o sr. Martins de Carvalho:

Ha uma manifesta injustiça do illustre liberal o sr. José Henriques Ferreira em classificar a Vieira de Castro como «inconstante» e «infiel», quando elle pelo contrario foi sempre coherente nos seus sentimentos politicos, e por isso era por todos respeitado.

Como dissemos falleceu Vieira de Castro em 20 de setembro de 1842; pois apenas 3 mezes antes, em 21 de junho d'esse anno, nas disputadissimas eleições de então, mereceu dos seus correligionarios ser eleito deputado em Lisboa, pelo collegio eleitoral da Extremadura; e já havia merecido a confiança dos eleitores da freguezia dos Martyres da mesma cidade, elegendo-o para eleitor de provincia.

A «versatilidade» de Vieira de Castro estava pois em achar-se em 1842 exactamente no mesmo campo politico em que estava no anno de 1836, em que houve a revolução de 9 de setembro, e em que fôra nomeado ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, no dia 10 immediato.

A «Revolução de Setembro», de 22 de setembro de 1842, dando conta do funeral de Vieira de Castro, e referindo-se ao numerosissimo concurso de cidadãos que n'elle tomaram parte dizia:—«Todos os partidos abaixaram as suas bandeiras «para deixar passar o que a nenhum d'elles era capaz de deshonrar.»

Se, pois, Vieira de Castro fosse «inconstante, infiel e versatil», de certo não teria alcançado a estima de todos os partidos, na vida e na morte.

*

O nosso illustrado correspondente ainda indica a possibilidade do sr. José Henriques Ferreira haver confundido Vieira de Castro com outro ministro do appellido de Castro, que em 1844 estava no ministerio.

Ora o alludido ministro era José Joaquim Gomes de Castro, posteriormente conde de Castro; e esse foi sempre intimo amigo de Costa Cabral, e seu collega no ministerio, desde 14 de setembro de 1842, até 20 de maio de 1846, caindo n'esse dia todo o ministerio do poder, em resultado da revolução popular, começada no Minho em abril antecedente.

E precisâmos a data de 20 de maio de 1846, como aquella em que saiu do ministerio José Joaquim Gomes de Castro, com o seu collega Costa Cabral, e não 21 de abril, como por equivoco diz o nosso prezado correspondente, para que se veja a ligação que havia entre os dois, e como era possivel que Gomes de Castro conspirasse contra o seu amigo Costa Cabral.

Só quem não conhecesse os intransigentes sentimentos politicos conservadores de José Joaquim Gomes de Castro, e as suas ligações com Costa Cabral é que poderia suppôr que elle fosse em 1844 assistir a uma reunião para preparar a revolta anti-cabralina, que começou em Torres Novas no dia 4 de fevereiro d'esse anno de 1844 e foi acabar em Almeida no dia 28 de abril immediato.

MARQUES GOMES.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Tdo o que ha do estrangeiro se resume no que diz o seguinte telegramma:

Rio de Janheiro. 8. t.—Os insurgentes abriram de novo fogo contra os fortes. O almirante Custodio José de Mello lançou um manifesto desmentindo e reprovando a intenção de *bombardear o centro da cidade* do Rio. Julga-se que os insurgentes buscarão occupar o paiol da Estrella, a fim de renovar as munições; mas é provavel que antes as forças do marechal Peixoto façam ir pelos ares o paiol.

Os navios de guerra estrangeiros não desembarcaram os seus marinheiros para protegerem os tripulantes dos navios de commercio das suas nações ancorados no porto.

Da Europa nada digno de mencionar-se.

CARTA DE LISBOA

10 DE OUTUBRO DE 1893.

Não tenho hoje noticia importante para transmittir-lhe. Tudo em perfeita paz, por emquanto, e antes assim. Em crize falla-se menos, mas que alguma cousa ha n'este sentido, é fóra de duvida.

— O sr. infante D. Affonso não está peor. A febre é menos e o estado de fraqueza não tem augmentado. Ha todas as esperanças de que o restabelecimento comece dentro de pouco, e é isso o que geralmente se deseja.

— O sr. presidente do conselho está completamente restabelecido e já hontem esteve no seu gabinete.

— O sr. conde de Valenças, que tem passado mal n'este ultimo tempo, vae agora muito melhor dos seus incommodos. Que se restabeleça breve é o que desejam todos os admiradores do sev elevado caracter.

— A'manhã haverá assignatura regia. Corresponde a duas semanas, por que na semana anterior não a houve.

— E' incontestavel que o principe de Saxe está em caminho do Brazil. Ou viesse do norte no *Brazil*, ou tenha seguido em outro paquete, o que é fóra de duvida é que o pretendente ao throno do grande imperio vae em caminho d'aquella nação. E que a sua causa é protegida pelas nações, é tambem fóra de duvida. A republica do Brazil affecta os interesses dos filhos de muitos paizes que para alli foram e que alli teem os seus interesses. A's nações, pois, cumpre, tanto quanto lhe permittir o direito publico, concorrer para que n'aquella importante parte do mundo se restabeleça a ordem por tanto tempo em plena conflagração.

— O sr. ministro da fazenda regressou hoje definitivamente a Lisboa.

O sr. João Franco, ministro do reino é esperado tambem definitivamente na sexta-feira proxima.

O sr. presidente do concelho já regressou definitivamente ha dias.

— Como lhe disse na minha anterior, a opinião do povo liberal em Evora não está bem com o seu alliás illustre prelado, accusando-o de reaccionario. Em consequencia do que alli se tem passado sua ex.ª pediu promptas e energicas providencias para pôr a coberto de possiveis irreverencias e desacatos a sua pessoa, bem como a do seu clero, irreverencias e desacatos a que se estão entregando, com volupias de *livre pensadeirismo* em acção, alguns energumenos d'aquella cidade, como já o demonstraram nas arruaças a uns missionarios que alli acamparam, tendo até de intervir a força. O sr. arcebispo está em Lisboa e não pode voltar a Evora tão cedo, tal é a indisposição publica alli contra elle. O que se passou em Evora ha dias é assombroso. Terra pacifica como é a capital do Alemtejo, admira toda a gente como n'um praso tão curto se levante, como n'uma só voz, contra o seu prelado—que escarneceram e que chegaram quasi a apedrejar. Em vista d'isso o sr. arcebispo deixou Evora e está em Lisboa.

— O sr. visconde de Trancoso já assignou a escriptura de cedencia ao governo de 240:000$000 reis, que offerece para a edificação de um tribunal judiciario em Lisboa. Resta que o governo lhe não dê applicação differente. Duzentos e quarenta contos é já uma cifra importante para uma obra qualquer por grande que seja como deve ser o tribunal judicial da capital.

— Continua incessantemente o trabalho da policia no descobrimento dos ladrões das obras publicas. Alem dos individuos presos já, pelo seu compromettimento n'estes negocios, foi hoje tambem chamado e está detido o architecto Parente, um homem que sempre gosou de bons creditos. São ladrões de *fina otirpe* os que se vão descobrindo. Mas que não páre a acção da justiça, que a mão do obreiro não cance. E' uma questão d'alta moralidade e d'alta conveniencia publica, que precisa liquidar-se sem demora. O que a este respeito se passa em Lisboa, é assombroso, mas se a investigação chegasse a alguns districtos do paiz, o que não apparecia!

— Tem subido aqui o agio das libras. E' a questão da importação dos cereaes que tanto ouro nos leva, porque se capricha em não fazer uso do milho, e em não fazer do Alemtejo o grande celleiro do paiz na parte respeitante a trigos. Tantos milhares de hectares de terreno inculto que tanto podiam produzir, tantas familias na miseria que alli podiam viver bem, trabalhando! E' que os dinheiros publicos aqui gastam-se em revistas militares, e *escoam-se* pelas mãos de depositarios infieis.

— Não correm por aqui bem os negocios commerciaes. As fallencias succedem-se e outras se esperam ainda. Só uma casa commercial de grande giro protestou no sabbado passado, contra logistas de credito, nada menos de 37 letras. Isto é um mau simptoma.

— Ao nosso amigo sr. Daniel da Silva Ribeiro, consul de Portugal, no Rio de Janeiro, foram concedidos mais 3 mezes de licença, no fim dos quaes este digno funccionario voltará ás terras de Santa Cruz.

— Parece que o sr. ministro das obras publicas vae rever o decreto de 3 de março, sobre a importação de cereaes ouvindo préviamente a respectiva commissão e os moageiros.

— Diz-se que além d'outras accusações importantes, o architecto Avila é accusado de desvio d'umas portas de madeira do Brazil, de grande valor, que foram tiradas d'uma obra do Estado e levadas para casa de um titular conhecido.

— Aos delegados do procurador regio nas differentes varas de Lisboa foi dirigida a seguinte ordem de serviço:

«Tendo alguns jornaes que se publicam n'esta cidade apresentado differentes accusações contra os escrivães da Boa Hora, de que abusando das suas funcções exigem dinheiro ás partes, que depois não levam em conta no pagamento das custas: e sendo indispensavel tomar as mais energicas providencias para obstar a estes abusos, queira v. ex.ª averiguar o que ha a tal respeito para se proceder contra os empregados que se mostrem culpados».

— Na tarde de hontem commetteu-se em Cascaes um crime hediondo. Um irmão matou uma irmã com um tiro de pistola. O assassino, que é natural de Elvas, parece que mantinha intensões incestuosas contra a irmã, e como a rapariga, virtuosa e galante, ia casar com um artista, resolveu assassinal-a, o que levou a effeito descarregando contra ella o tiro d'uma pistola. Note-se que os irmãos já se não viam ha 15 annos, porque elle estava em Elvas e ella a servir em Lisboa. O assassino está preso, e diz que tencionava matar-se tambem, porque ambos eram infelizes e que assim não podiam viver. Dias antes tinha dito ao futuro noivo de sua irmã:—«que elle a namorava, mas que a não havia de gosar.» E' mais um malvado que a sociedade tem de punir.

— Os individuos agraciados ultimamente pelo sr. ministro das obras publicas continuam a resignar as honras que lhe foram conferidas.

— O concurso para delegados e conservadores verifica-se: para os primeiros nos dias 11 e 12, e para os segundos nos dias 13 e 14. Concorrem para delegados 68 bachareis, e para conservadores 70.

— Vão ser licenciadas 50 praças por cada regimento de infanteria, preferindo aquellas que estiverem no 2.º e 3.º anno de serviço.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Foi para a Figueira da Foz o sr. conselheiro Pedro Augusto Monteiro Castello Branco.

— Sahiu da sua casa d'Anadia para a Figueira da Foz o sr. conselheiro José Luciano de Castro e sua ex.ma esposa. Sua ex.ª tenciona demorar-se alli apenas 15 dias, regressando depois á sua casa de Lisboa.

— Voltaram de banhos a Oliveira d'Azemeis os nossos illustrados amigos, os srs. drs. Francisco Albano Amador Pinto Valente, e Bento Guimarães.

— Foi para o Furadouro o nosso bom amigo, sr. commendador Luiz Ferreira Brandão.

— Regressaram da Costa Nova do Prado o nosso presado amigo e distincto medico d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz, sua ex.ma esposa e filhinhos.

— Regressaram da Guarda ao seu sollar de S. Pedro do Sul, a senhora Baroneza de Palme, seus ex.mos filhos e nora. O sr. visconde de S. Pedro do Sul acompanhou sua illustre filha até alli.

— Regressou tambem das Caldas dos Cucos ao seu sollar d'Albergaria o nosso muito presado amigo, sr. visconde dos Lagos. E'-nos grato poder affirmar que sua ex.ª tirou resultado da sua longa estada alli, pois que vem muito melhor do seu rheumatismo.

— Estiveram hontem em Aveiro todos os membros da camara d'Ovar. Vieram apresentar a quem ahi representa a auctoridade superior do districto, um abaixo assignado em que a grande maioria dos quarenta maiores contribuintes do concelho, ou melhor, a sua quasi totalidade, e ainda os cavalheiros mais respeitaveis d'aquella circumscripção concelhia, protestam contra as aleivosias firmadas por alguns individuos d'alli, d'estes que não consta *terem carta no correio*. Prosiga a camara no bom caminho que nos parece querer seguir e deixe fallar os zoilos, que não merecem mais que a indifferença publica. A camara regressou a Ovar no comboyo da noute, sendo acompanhada até á estação pelo digno representante d'aquelle circulo o sr. dr. Barbosa de Magalhães e por mais alguns amigos nossos.

— Foi no domingo em Alquerubim o solemne baptisado d'um netinho do nosso amigo, sr. Manuel Maria Amador, digno chefe de secção de conservação d'obras publicas, e filho d'outro nosso amigo, o sr. David José de Pinho, considerado capitalista do Porto. Assistiram ao acto numerosos amigos d'aquella obsequiosa familia, aos quaes foi servido um lauto jantar. O mau tempo d'esse dia fez com que muitos outros cavalheiros seus amigos alli os não fossem felicitar pessoalmente, e assistir tambem ao jantar, para que haviam sido convidados.

— Já regressou de Anadia, onde foi visitar o illustre chefe do partido progressista, e d'Aveiro, onde veio ver parentes que aqui tem, o nosso distincto amigo e collega do *Commercio de Portugal*, o sr. visconde de Melicio.

— Veio a Aveiro o dignissimo juiz de direito da comarca de Anadia, sr. dr. Francisco Augusto das Neves e Castro, um dos mais illustrados e conspicuos magistrados judiciaes.

— Cordealmente felicitamos o nosso presado amigo e collega, sr. dr. Barbosa de Magalhães, pelo bom exito obtido no exame de philosophia (5.º anno do curso de sciencias dos lyceus) por seu estudioso e intelligente filho o sr. José Maria de Vilhena e Magalhães, um moço applicado e de talento, que deve concluir no corrente anno lectivo os preparatorios para a matricula na Universidade.

— Damos tambem sinceros parabens ao nosso bom amigo, sr. José Luciano Corte Real, pelo resultado obtido no seu recente exame de philosophia.

— Faz hoje annos o nosso presado amigo e digno escrivão e tabellião n'esta comarca, sr. Silverio de Magalhães. Receba o nosso bom amigo as nossas mais sinceras felicitações.

— Da Costa Nova do Prado regressaram hontem tambem o nosso illustrado conterraneo e considerado escriptor, sr. Carlos Faria e sua ex.ma familia.

— Esteve hontem em Aveiro o nosso presado amigo e illustre deputado por este circulo, sr. conselheiro Albano de Mello. Com sua ex.ª veio tambem o seu e nosso amigo, sr. Castella.

— De Verdemilho, seguiu com sua esposa para a praia de Mathosinhos, a uso de banhos, o nosso prestimoso amigo e honrado despachante da alfandega do Porto, sr. Manuel Nunes da Fonseca Brandão, que conta regressar a Verdemilho em fins de dezembro.

— Não partiram para a sua casa de Lisboa no domingo ultimo, como por engano dissémos, mas partem definitivamente ámanhã, o illustre deputado e nosso querido amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, sua ex.ma esposa e filhos.

— Tem passado incommodado na sua casa d'Ovar o nosso amigo, sr. José Pacheco Polonio. Fazendo votos pelo seu restabelecimento cumprimos apenas dever de amizade.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição.—Como de costume, abriu na segunda-feira, proxima passada, este acreditado estabelecimento local de educação e ensino, superiormente dirigido pela ex.ma sr.ª D. Rosa Regalla de Moraes, e onde, a par do melhor e mais proficuo desenvolvimento intellectual, as alumnas recebem a instrucção mais distincta tão necessaria e tão util á pratica da vida.

Os excellentes resultados obtidos n'esta conceituada casa educadora, principalmente nos exames para que annualmente habilita dezenas de alumnas, dizem mais do que todos os merecidos elogios que lhe fizessemos. Porisso nos limitamos a dar uma resumida nota das approvações conferidas no passado anno lectivo ás examinandas que o *Collegio de Nossa Senhora da Conceição* habilitou, e por ella se verá que não podia ser mais lisongeiro o resultado obtido.

Em instrucção primaria:—D. Alda Fernandes Pereira, D. Magdalena Ferreira Leitão, D. Lucilia Ferreira Leitão, D. Elvira Duarte de Pinho, D. Maria Bebianna Pereira Leal, D. Maria Amelia Duarte, D. Candida das Dores Carvalho, D. Maria de Mello Corga, D. Lucinda de Mello Corga, D. Deolinda da Conceição Marques, D. Emilia Candida Leitão, D. Alice de Castro Regalla.

Em Francez:—D. Paulina Sereno, D. Maria do Ceu Pardinho, D. Adrianna Martins dos Reis, D. Adilia Alvarenga, D. Idalina Duarte de Pinho.

Em Portuguez:—D. Maria das Dores Salgueiro, D. Alcina Mourão Gamellas, D. Maria do Ceu Pardinho, D. Conceição Cardote, D. Alda Osorio.

Em Desenho 1.º anno:—D. Idalina Duarte de Pinho, distincta; D. Maria do Ceu Pardinho, D. Paulina Sereno, D. Maria das Dores Salgueiro, D. Alcina Mourão Gamellas.

Em Desenho 2.º anno:—D. Maria das Dores Salgueiro, D. Alcina Mourão Gamellas.

Não mencionamos, por desnecessario, o desenvolvimento, sempre crescente, de muitas outras alumnas, que frequentam varias outras disciplinas, como inglez, geographia, as aulas de lavores etc., etc.; todas as quaes completam a mais esmerada educação de uma senhora, a sua mais primorosa instrucção moral e intellectual.

O *Collegio de Nossa Senhora da Conceição*, creou-se um nome alem de respeitavel, sympathico tambem, por que recolhe e ministra por caridade a instrucção a quem a necessita. Presta assim um serviço publico muito digno de louvor, e é este um dos seus mais bellos e mais recommendaveis titulos.

O acanhado espaço de que dispomos, não nos permitte ir mais longe n'esta sincera e merecida apreciação. Recommendamos por isso aos leitores o annuncio que na competente sessão publicamos hoje, e para que chamamos a sua mais particular attenção.

Enorme injustiça. — O nosso illustrado collega do *Commercio de Portugal* que, como é sabido, é um dos jornaes mais lidos e considerados da capital, escreve no seu n.º de sexta-feira ultima:

Commendas e encommendas. — Com esta epigraphe publica o nosso esclarecido collega do *Campeão das Provincias*, as considerações que se seguem, ás quaes teremos de accrescentar algumas da nossa lavra:

Transcreve o que aqui escrevemos e em seguida diz o seguinte:

São plenamente justificados estes reparos, como justos os louvores tecidos ao sr Carlos de Mello pelo muito que tem feito no seu notavel estabelecimento da Fonte Nova, em Aveiro. Alli estivemos ha poucos dias, e o que então dissémos hoje repetimos, com prazer, porque é merecida a homenagem áquelle intelligente e intrepido luctador, que deve ser já considerado como um benemerito da industria nacional.

Com effeito, é preciso vêr, como viu o sr. ministro das obras publicas e como nós vimos, para se acreditar que o que é hoje um espaçoso edificio, com uns poucos de fornos, com vastas officinas, com dois *ateliers* de pintura e com todas as accommodações para um desenvolvido fabrico, era ha pouco mais de dez annos uma modesta fabrica, sem importancia e de limitadissima laboração. E toda esta metomorphose é devida á vontade firme e ao tacto administrativo de um homem laborioso, que não se occupa senão da sua industria e que tudo quanto aufere de lucros do seu trabalho emprega em ampliar o seu estabelecimento e aperfeiçoar os seus productos. De louça chamada ordinaria, tudo quanto a fabrica de louça da Fonte Nova fabrica, tudo se vende, não sendo bastante a producção actual para os pedidos, que augmentam em numero todos os dias. De louça fina, de luxo, a producção não é tão importante, e isso mesmo prova o bom senso do sr. Carlos de Mello, que sabe, que principalmente nos tempos que vão correndo, não é aquella mercadoria que póde ter maior sahida. Ainda assim, tudo o que se faz, tudo desapparece, não só pela elegancia e bom gosto do artefacto, como pelo seu preço rasoavel e convidativo, notando-se grande differença até com relação a productos similares nacionaes, que não são nem mais bem acabados, nem de melhor aspecto do que aquelles. A collecção de azulejos da fabrica da Fonte Nova é já consideravel, e muitos d'elles são de um magnifico effeito.

Ha os tambem como placas, para decoração, e alguns são primorosos, como nas jarras e nos objectos de *boudoir* ha fino gosto. Tudo isto vio o sr. ministro das obras publicas, como já dissemos, tudo isto lhe provocou cumprimentos muito amaveis e louvores muito calorosos da parte de s. ex.ª ao sr. Mello, a quem promettera protecção indirecta, como a creação de uma escola profissional em Aveiro, aula de desenho, etc., etc.; mas de tudo isto depressa se esqueceu o illustre ministro e não encontrou na longa lista que expediu ao seu collega do reino, para as recompensas ao merito industrial, um pequeno logar para o nome d'aquelle benemerito cidadão, onde aliás figuram nomes de individuos de tão modestos serviços á industria, que são pela classe inteiramente ignorados. Como ainda hontem notou o nosso collega do *Diario Popular*, não se explicam certas graças da nova ordem ultimamente concedidas e parece-nos que mais se attendeu á côr politica e aos serviços eleitoraes, do que aos que fossem prestados á industria e á agricultura.

Para corroborar a asserção, basta notar que o nome do primeiro industrial mineiro do paiz não apparece em nenhuma das listas publicadas e o mesmo se póde dizer com respeito ao de um dos nossos mais conhecidos agricultores, emquanto que lá estão os de galopins móres regeneradores, que se não lhes podem comparar em importancia.

Voltando, porém, ao sr. Carlos de Mello, proprietario e director da fabrica de louça de que nos temos occupado, diremos que alguns dos seus productos se acham em Lisboa, no acreditado e bem conhecido estabelecimento do sr. Caetano José da Costa, na rua Nova do Carmo, e basta vêl-os para se poder julgar da perfeição a que elles teem chegado e o que representa de cuidados, de diligencias, de sacrificios e de tenacidade tão notavel adeantamento, que se não precisou de estimulo senão do publico, merecia um pouco de consideração official, muito mais quando o governo acaba de crear uma ordem especial para galardoar serviços d'aquella ordem e o sr. ministro das obras publicas declarou deante de muitas pessoas respeitaveis, que elles eram valiosos e assignalados.

A desconsideração praticada para com o arrojado industrial o sr. Carlos da Silva Mello, proprietario da Fabrica da Fonte Nova, accentúa-se mais e mais. Emquanto que, simples administradores d'outras fabricas, que apesar d'uma existencia já longa e vida desafogada que sempre tiveram continuam estacionarias, são condecorados com a commenda da nova ordem de merito industrial, pelo nada que tem feito; o sr. Carlos Mello é votado ao estracismo pelo muito que tem trabalhado e trabalha no engrandecimento da industria ceramica, cujos progressos estão attestando d'uma maneira irrefutavel os productos da sua fabrica, hoje no seu genero uma das primeiras do paiz. Foi condecorado, é verdade, com o grau de cavalleiro o mestre da fabrica da Fonte Nova, o sr. Joaquim Corrêa da Costa, mas isto pouco ou nada diz no caso presente, pois no decreto não se faz a menor referencia a este honrado e habil artista fazer parte sequer do pessoal da fabrica da Fonte Nova. Foi condecorado como mestre de oleiro e nada mais. Ora mestres de oleiro ha muitos no concelho de Aveiro, só na freguezia d'Arada ha mais de vinte ou trinta.

A falta commettida pelo illustre ministro das obras publicas para com o proprietario da Fabrica da Fonte Nova além de indesculpavel, representa, pois, uma enorme injustiça.

Pára-raios. — A camara municipal mandou collocar um pára-raios no edificio dos paços do concelho. Foram os acreditados electricistas lisbonenses, srs. Almeida & Silva, os encarregados da sua collocação, trabalho que começaram já hoje.

E' realmente d'uma utilissima vantagem este preservativo contra os raios. Este melhoramento, como alguns outros de louvor, são da iniciativa do sr. vice-presidente do municipio.

Faria bem?—A camara de Ovar pediu ao governo que lhe entregasse as estradas que atravessam a villa, e a cuja conservação o governo provia. Tal é o estado a que chegaram, que a vereação ovarense, para obviar ao mal que d'esse estado provinha ao transito, preferiu tomar sobre si a despeza da reparação que precisarem. Não podemos affirmar que fizesse bem, por que tomou para si o grande encargo não só de conservação mas de reparação, e isso não lhe ficará barato. A camara d'Ovar sabe muito bem o que faz, e por isso, procedendo assim, lá tem para isso as suas razões. Nós entendemos que tomou sobre si um grande encargo, e que mais tarde talvez se arrependa de o haver feito.

O pharol. — Consta que a inauguração se realisa no dia 15, começando a funccionar definitivamente.

Até que enfim.—Já funciona o telephone da barra, pois que foi mandado para lá um empregado.

Mais um roubo!—Antehontem foi commettido mais um roubo no bairro piscatorio. Os ladrões entraram pelas trazeiras na taberna do sr. Antonio de Lemos, da rua de S. Roque, o qual estava ausente, roubando-lhe a quantia de 100$000 reis em notas.

— Hoje, pela 1 hora da madrugada, tentaram os ladrões assaltar a casa do nosso bom amigo, sr. Pedro Moreira, honrado negociante, os quaes sendo pressentidos por aquelle nosso amigo, deram ás de villa diogo.

Está provado que a cidade anda suja de larapios, e por isso á policia cumpre dar-lhes caça.

Prisão. — A' requesição do chefe da estação do caminho de ferro de Estarreja foram hontem presos pela policia d'esta cidade, á chegada do comboyo do norte, dois individuos que seguiam para Lisboa.

Exames.—Tem continuado no lyceu os exames, com alguns adiamentos, e poucas distincções.

Obras da barra.—Como fosse approvado o projecto da reforma dos redentes da margem de S. Jacintho, vão começar alli brevemente as respectivas obras, para o que se anda a arranjar gente.

Almanach de Anadia.—Como dissemos, foi já distribuido este interessante almanach, uma das mais bem organisadas publicações do seu genero, e do qual é director o nosso illustrado collega do *Jornal de Anadia*, sr. Arthur de Campos. E' um livro de muita utilidade, onde collaboram alguns distinctos escriptores, abrindo com a biographia do illustre homem publico e nosso respeitavel chefe, sr. conselheiro Luciano de Castro, de quem publica tambem o retrato.

Agradecendo o mimo da offerta, felicitamos o sr. Campos pela sua lembrança em tão util publicação, e recommendamol-a aos nossos leitores, como digna, que é, da sua acceitação. Para a acquisição do interessante livrinho, basta um pedido ao seu digno director, ou procural-o em qualquer livraria do paiz.

Contra a introducção de vinho de Hespanha. Verificou-se no domingo proximo, na Regoa, um comicio importante, a que assistiram muitas pessoas respeitaveis, resolvendo todas representar ao governo contra a introducção no paiz, de vinhos hespanhoes. Pode dizer-se que ao *meeting* da Regoa assistiu quanto ha de notavel nas principaes terras do Douro, sendo a concorrencia de muitas mil pessoas todas possuidas d'um só pensamento—a recusa á entrada de vinho de Hespanha no nosso paiz.

A cifra de remissão.—Parece que será de 80$000 reis o preço das remissões para os recrutas até 1882, e isso é apenas justo.

Tempo.—Melhoraram as condições do tempo. Depois de muitos dias d'uma aturada e fastidiosa invernia, veio o bom tempo. As terras já mal podiam com a agua que sobre ellas cahiu, e os rios cobriam as suas margens fazendo n'ellas estragos que terão de reparar-se. Foi uma invernia cruel a que acabamos de transpôr.

Trabalho de pesca.—Depois de uma interrupção de muitos dias, o mar prestou-se hontem ao trabalho. As pescas, porém, foram muito limitadas, e tanto que o preço da pouca sardinha que se pescou está hoje no mercado por 3$000 reis o milheiro.

Hoje consta-nos que ha trabalho.

Pesca.—Tem havido no mercado abundancia de peixe da ria, que é logo exportado. Os preços são ainda subidos.

Urbino de Freitas.—A esposa do dr. Urbino de Freitas recebeu já a parte da herança paterna que lhe coube, 66:000$000 reis. Foi o sr. juiz Medeiros, por cuja vara corre o inventario, que lh'a mandou entregar.

Calcula-se em mais de 80:000$000 o que seu marido tem gasto na defeza dos crimes de que é arguido.

Tambem pela provincia.—O *Commercio de Vizeu* diz-nos «que a secretaria da camara municipal d'aquella cidade estava ha muitos annos transformada n'uma verdadeira falperra! Agora descobriu se que a roubalheira não é só com os recrutas, mas que se estende tambem ao pagamento feito ás amas de leite! Processavam as folhas com nomes de amas que não existiam, e a outras abonava-se-lhe dias a mais.»

Tudo excelente, dizemos nós.

A luz electrica em Braga.—O systema continua a produzir alli muito mau resultado.

A illuminação publica em Braga.—A companhia de illuminação de Braga foi condemnada pela camara na multa de réis 190$000, por isso que o systema tem alli feito fiasco algumas noutes, deixando a cidade ás escuras. Tem d'estes perigos o systema. O gaz corre menos riscos e é mais barato.

Noticias de Caminha.—Em 9.—O hiate *Valladares IV*, procedente de Lisboa, com carga da praça para este porto, naufragou na noute passada nas alturas de Vigo, morrendo o mestre e mais quatro tripulantes. Salvaram-se apenas dous tripulantes, de nomes Manuel Marques e João Salgado, naturaes de Ilhavo.

A matricula na Universidade.—E' de 491 o numero de alumnos que concorreram á matricula geral, a qual terminou respectivamente nos dias 20 e 25 de setembro passado, e que seguem as seguintes faculdades:

Theologia—1.º annno, 0; 2.º, 4; 3.º, 3; 4.º, 5; 5.º, 2—Total, 14. Direito—1.º anno, 49; 2.º, 68; 3.º, 107; 4.º, 50; 5.º, 70—Total, 344. Medicina—1.º anne, 6; 2.º, 17; 3.º 4; 4.º, 16; 5.º, o—Total, 43. Mathematica—1.º anno e 1.ª cadeira de philosophia, 13; 2.º, 19; 3.º, 2, 4.º, 2; 5.º, 1—Total, 37. Philosophia—(2.ª e 3.ª cadeiras)—2.º anno de preparatorios medicos, 26; 3.º; (4.ª, 5.ª e 6.ª cadeira de philosophia), 27; 5.º, (7.ª e 8.ª), o—Total, 53.

Roubo.—O sr. padre Antonio da Fonseca, residente em Ceia, tinha alli obras n'uma propriedade, onde trabalhavam o pintor Joaquim Homem Monte, casado com Delphina Corrêa, e mais dois operarios, cujos nomes ignoramos. Tendo de ir a uma freguezia proxima guardou um conto e tanto que tinha em libras, moedas de 10$000 reis, pintos e papel, arrecadados em uma secretaria e occultou-os em um buraco. Esta operação foi vista pelo Monte, e a prova é que quando o padre regressou, encontrou o buraco apenas. Dinheiro, pintor e mulher tinham desaparecido, esta para Lisboa e aquelle ainda não se sabe para onde. O padre enviou um telegramma ao sr. Manuel Paulo, residente nas escadinhas de Santa Justa, em Lisboa; narrando-lhe o facto e este sr. entregou o telegramma ao sr. juiz instructor. Delphina está presa ha oito dias no governo civil, presistindo em dizer que ignora o paradeiro do seu homem. A policia procura-o.

O bombardeamento do Rio de Janeiro contado por Sarah Bernhardt. — Um redactor do jornal francez *Eclair*, sabendo que Sarah Bernhardt havia chegado da sua excursão pela America do Sul a Paris, tendo vindo pelo paquete *Portugal*, foi ter com a célebre actriz a fim de lhe dar algumas informações sobre o primeiro bombardeamento do Rio de Janeiro. Eis o que a eminente artista disse ter visto com os proprios olhos:

«No primeiro dia, cheia de interesse, albergava uma esperança nada desagradavel: «Vou vêr bombardear.» E' preciso conhecer tudo, e a occasião de vêr um bombardeamento, ao alcance das granadas, não se encontra todos os dias. Abri os olhos, e o que não era menos util, os ouvidos tambem. O primeiro tiro de canhão que ouvi fôra dado ás 5 horas. Olhei pelo binoculo, e nada vi. Ouço o segundo, o terceiro, o quarto tiro, e nada. As balas da Liga da Paz não teriam sido mais inoffensivas. Desde as 5 horas da tarde até á meia noute contei 211 tiros de canhão, e nem um só que demolisse o que quer que fosse. A fortaleza de Santa Cruz parecia que tratava mais de salvar o navio em que estava o almirante Mello que de mettel-o a pique. Pormenor curioso: um torpedeiro que passou e tornou a passar algumas horas pelo raio de tiro, nunca foi attingido. Era visivel que se poupavam. O *Portugal*, a bordo do qual me encontrava, recebera ordem de não deixar desembarcar nenhum passageiro. Comtudo, manifestei desejos de conhecer as impressões que experimentara no meio da bahia, sob as granadas, e, emfim, a sensação de panico, de terror e de espanto de uma cidade que estão bombardeando. O almirante francez prestou-se com a maxima galanteria. Foi posto á minha disposição no segundo dia uma chalupa a vapor, e sem grande commoção, desembarquei, no Rio de Janeiro, onde estive dous dias sob a escolta dos meus valentes «cavalleiros maritimos.» Foi profunda a minha decepção. Podia lá ser uma cidade sitiada! Tudo alli estava perfeitamente tranquillo; tinham-se noticias do bombardeamento, porque a população corria para a praia a fim de o vêr. Aquella gente mostrava uma perfeita serenidade, e parecia crêr que as granadas nada tinham de maleficas, sendo mantida n'esta illusão pela singularidade do tiro dos artilheiros inimigos. Todavia, devo reconhecer que, no momento da minha partida, a população do Rio começava a experimentar algumas inquietações.

Voltei para bordo do *Portugal* com a mesma facilidade que tivera ao desembarcar, e o grande navio almirante onde tremulava, ao contrario do que acontece entre nós, o pavilhão branco, insignia insurreccional, parecia-me ter ar de procurar onde poderia enviar os seus projectis sem fazer mal a alguem. Eis as minhas impressões, senhor; não são absolutamente sensasionaes, para me servir de um termo que julgo já ter empregado; e ao terminar, acrescentarei que não creio que este estado de cousas possa durar muito tempo, e em todo o caso, quando levantamos ferro, parecia-me que o almirante insurgente estava em vesperas de se tornar o almirante victorioso.»

O phylloxera. — Menciona uma revista franceza que está para breve a concessão do avultado premio que nas mãos da academia se encontra para galardoar o descobridor do remedio contra o phylloxera.

Chama-se Mely o sabio hellenista que nos livros gregos de Strabão encontrou informações do remedio. Que não é nova a doença, diz-se, e provavelmente por mais d'uma vez terá já passado pelas regiões que ora se encontram devastadas, e tão barata é a cura que não pode custar mais de 1$000 réis por cada milheiro de bacellos. Segundo se deprehende da noticia, assignada por escriptor abalisado, basta rodear a cepa com schisto em pó para que ella não tenha mais o phylloxera a atacal-a, e mesmo os outros insectos prejudiciaes se afastam quanto podem.

O referido sabio affirma que no centro d'uma vinha phylloxerada mantem um massiço de videiras formosas, em larga producção, ás quaes não faz mais do que applicar o schisto, pedra vulgar que se desfaz em capas delgadas, muito abundantes nas Beiras.

O cholera.—Segundo as noticias publicadas pelas folhas hespanholas do correio ultimo ácerca da marcha do cholera nas provincias vascongadas, parece que a epidemia tende a decrescer, não se tendo registrado no dia 2 nenhum obito nas povoações infeccionadas e apenas um ou outro caso. No dia 3, porem, houve em Bilbau 8 casos e 1 obito; em Sestao, 1 caso e 1 obito; 5 casos e 1 obito em Baracaldo; 9 e 3 em Arbolede; 8 e 1 em Pucheta e 3 casos em Salvador. Os habitantes de Bilbao estão confiados de que a epidemia desappareça brevemente d'aquella cidade.

Hespanhoes e marroquinos. — A imprensa de Madrid, occupando-se dos acontecimentos de Melilla, pede ao governo hespanhol que proceda com energia, que se deixe das vias diplomaticas e que castigue sem contemplações o attentado praticado pelos mouros contra a praça de Melilla. O ministro da guerra telegraphou ao capitão general de Andaluzia para que ponha de prevenção em ordem de marcha dous regimentos de infanteria e um batalhão de caçadores, a fim de que, á primeira ordem, possam partir para Marrocos. O governador da praça de Melilla telegrephou pedindo soldados para cobrir as baixas produzidas pelo combate. Em vista d'este pedido, o general Lopes Dominguez deu ordem ao capitão general da Andaluzia de que mandasse para aquella praça uma companhia de artilheria e um batalhão de infanteria, em conselho de ministros reunido em casa de Sagasta, resolveu-se que, sem dilações de genero algum, proseguissem as obras de construcção do forte de Guariach, a causa do conflito. Tambem se resolveu que o representante de Hespanha em Tanger fizesse uma energica reclamação diplomatica ao sultão de Marrocos. Com respeito ao combate do dia 2 eis o que referem de Melilla a uma folha de Madrid: Na vespera á noute do dia 2 os mouros tinham dado varias descargas sobre o forte Guariach, e quando chegaram de manhã os trabalhadores e a companhia de engenheiros, romperam outra vez o fogo obrigando os trabalhadores, que eram presidiarios, e a escolta que os custodiava, a entrarem para dentro do forte e a organisarem alli a defeza. Ao inteirar-se o general Margallo, governador de Melilla do que occorria, dirigiu-se para o forte de Camellos, deixando a praça a cargo de um coronel. Do forte Camellos, com forças do primeiro regimento de Africa, occupou diversas posições, para tornar inuteis as pretensões dos mouros estabelecendo-se nutrido fogo de fuzilaria contra os assaltantes, cujo numero augmentava cada vez mais. Dos fortes de Cabrerizas e dos Camellos começou a artilheria a disparar com acerto sobre os magotes de mouros. Duas companhias do regimento de Africa avançaram com resolução em direcção á linha do rio, e bem depressa se ouviu d'aquelle lado um vivo tiroteio. A secção de cavallaria, composta de 30 cavallos, percorria o campo em diversos sentidos, fazendo reconhecimentos. O general Margallo pediu reforços ao coronel Cazella, que o ficára substituindo no governo da praça, sendo-lhe enviados 100 homens. Ao mesmo tempo algumas turmas de mouros mais audazes que faziam chegar as suas balas até o forte dos Camellos, eram repellidos pelos 30 homens de cavallaria, commandados pelo capitão Ruiz e os officiaes Golfin e Makena, que se bateram com bravura, Entretanto avançava pelo lado de Frajana uma outra turma de mouros. Vendo isto, o general Margallo ordenou ao seu ajudante que, com uma secção de infenteria, repellisse o ataque. A secção partiu e o general acompanhou-a, quando viram um soldado de cavallaria, que tinha sido desmontado, acossado por quatro mouros. O soldado defendia-se valorosamente distribuindo cutiladas sobre os aggressores. Estes ao vêrem approximar-se a secção de infanteria, fugiram O general Margallo abraçou o soldado, dizendo-lhe: «E'is um valente!» Este soldado, que se batera com denodo, tinha sahido de manhã mesmo do hospital, e entrava em fogo ainda convalescente. Entretanto augmentava o numero de mouros. A artilheria dos fortes fazia fogo de metralha e granadas contra aquella chusma, matando numerosos mouros. Estes, porem, não recuavam. Os hespanhões eram em numero de 200 e os mouros mais de 6:000. O general Margallo pediu mais reforços e o coronel Casella enviou-lhe 100 homens mais. O tenente Palacios cahira ferido ao ir atacar, com 60 homens, uma posição entrincheirada defendida pelos mouros. Estava tambem ferido o tenente Golfin. Dos fortes continuava a artilheria a vomitar metralha e granadas sobre o povoado de Frajana e outros. As forças de infanteria continuavam a marchar, a fim de tornar possivel a retirada dos que estavam no forte em construcção de Guariach. Eram 4 horas da tarde e ainda durava o combate. Então o general Margallo pediu para Melilla mais reforços, sendo-lhe enviados 60 homens, fazendo convergir todas as forças disponiveis sobre o forte em construcção para que se fizesse a retirada mais facilmente. Os mouros tinham comprehendido o fim do movimento e concentraram todos os seus esforços sobre o forte, batendo-se como selvagens. A retirada effectuou-se, como o general Margallo determinára. Do forte sahiu primeiro a força de engenheiros e em seguida os presidiarios. As forças hespanholas faziam um fogo terrivel contra os mouros, contendo-os.

Eram 5 horas da tarde quando terminou a lucta, Os hespanhoes tinham a lamentar 18 mortos e 33 feridos. No combate tinham tomado parte 350 homens de tropa e 100 presidiarios. Depois que as tropas entraram para dentro da linha dos fortes, o canhoneio continuou até ao anoutecer. Quanto ás perdas dos mouros ignoram-se quaes ellas fossem. Devem, porém ter muitas baixas.

A barba do principe de Bismarck.—Os jornaes illustrados da Europa não ficaram satisfeitos com a noticia de que o principe de Bismarck, deixara crescer a barba, o que os obriga a reformar os antigos *clichés*. Ao que parece, o ex-chanceller não póde supportar que mão estranha lhe faça a barba, e como a doença o inhibe de a fazer a si mesmo, proferiu deixar crescel-a, noticia esta que circula por todos os jornaes e está servindo de assumptos a diversos commentarios, como se se tratasse de um grande acontecimento politico.

As memorias do principe de Bismarck. — Diz um jornal de Francfort que se entabolaram negociações entre o principe de Birmarck e um editor importante da Allemanha do sul para a publicação das memorias do ex-chanceller. As negociações que duraram algum tempo acabam de ser concluidas. O editor dá 500:000 marcos pela acquisição do manuscripto, mas só poderá publicar as memorias depois da morte do principe de Birmarck.

O aniversario da morte de Boulanger.—Refere um correspondente de Bruxellas que uns duzentos boulangistas celebram o segundo anniversario da morte de Boulanger, reunindo-se em volta da campa do célebre general. Por essa occasião houve uma manifestação a Henrrique Rochefort, que se achava presente, sendo feita uma ovação enthusiastica ao proscripto de Londres.

Execução capital. — No dia 3 foi executado em Albi França) um tal Veyrios, condemnado á pena de morte por parricidio. O crime fôra commettido em março em circumstancias verdadeiramente aggravantes. Veyrios mettera o pai em uma pipa e alli o conservou tres dias sem lhe dar alimento algum. O pobre velho estava agonisante, mas para lhe apressar a morte, Veyrios tratou de o estrangular, ameaçando a mulher e o sogro que lhes faria outro tanto se o denunciassem. Commettido o crime, o assassino foi chamar o parocho para dar os ultimos sacramentos ao pai, dizendo-lhe que estava a expirar por causa de uma quéda. O sacerdote encontrou, porém, um cadaver, mas por certas echymoses que observou, desconfiou que a morte não fôra natural. Deu parte das suas suspeitas a algumas pessoas, até que a justiça, informada d'aquella morte mysteriosa, abriu um inquerito e prendeu Veyrios.

Este negou o crime, mas confrontado com a mulher e o sogro, acabou por confessar tudo. O mobil do crime tinha sido a herança paterna. O tribunal condemnou-o á morte. A execução do preso realisou-se em Albi. Veyrios estava dormindo profundamente quando o foram acordar e dizer-lhe que se preparasse para morrer com coragem. Vestiram-lhe uma alva e puzeram-lhe o véu preto dos parricidas e assim foi levado para a guilhotina.

Apesar da manhã estar medonhamente chuvosa, era immensa a gente que esperava a chegada do condemnado. Este declarou então que a mulher e o sogro tinham sido seus cumplices. Depois os ajudantes do carrasco collocaram-o na prancha fatal, o cutello cahiu e justiça era feita.

As mulheres jornalistas.—Segundo refere uma folha estrangeira, a França conta 237 mulheres jornalistas. E' verdade que 230 só escrevem em jornaes de modas ou redigem artigos sobre modas nos outros jornaes. Na Inglaterra o numero de mulheres que escrevem nos jornaes é muito maior, é quasi uma legião. Nos Estados-Unidos succede outro tanto. Segundo o recenseamento de 1890, as mulheres que collaboram nos jornaes, formavam o respeitavel contingente de 588 jornalistas vestindo saias.

Phenomenos meteoricos.—No anno 1000 seccaram em Inglaterra quasi todas as fontes e rios. Em 1022 pereceram de calor no meio dia da Europa muitos homens e animaes. Em 1303 e 1304 atravessaram-se a vau os principaes rios da Europa. Em 1646 experimentaram-se calores horriveis.

Em 1718 não choveu uma só vez desde o mez de abril até o de outubro. Os thermometros marcaram 36 graus de Réamur. Em 1811 houve extraordinarios calores, mas as colheitas de vinhos foram em geral muito abundantes, e de excellente qualidade. Em 1818 fecharam-se quasi todos os theatros por causa do calor, que chegou muitos dias seguidos a 35 graus.

Descobrimento archeoligico.—Nos arredores de Toulose, na foz de Touch e do Garonne, fez-se ultimamente um importante descobrimento archeologico. Um proprietario mandára desaterrar um campo, quando os trabalhadores puzeram a descoberto grande numero de vasos de barro vermelho, de fórma elegante e variados desenhos, contas de ambar, anneis, alfinetes de bronze e brincos. As escavações continuam.

Conselhos e receitas.—Ha pessoas que enguiçam com certas coisas. Uma unha a raspar na cal, um corcunda, um preto em jejum, etc, Entre os muitos enguiços que ha por este mundo, varias pessoas consideram como tal o ranger do calçado. Ha botas que fazem *rru rru rru*, que é mesmo uma pauca vergonha. Poi bem — ha remedio para tudo isso: Basta mergulhar as sollas em oleo de linhaça, por alguns instantes, e fazel as depois seccar ao sol ou ao calor do lume. As solas ficam magnificas para resistir á agua, e nunca mais na sua vida tornarão a ranger.

Chefe de insnrucção feminina.—No Estado de Iowa, Estados-Unidos, nas ultimas eleições escholares, foi eleita uma senhora, miss Bell Meeks, de Danville, para o cargo de chefe de instrucção publica do Estado. Miss Bell Meeks tinha-se tornado célebre pelos seus discursos a favar da igualdade politica dos dous sexos.

De Pariz a Varsovia em velocipede.—Ha dias chegou a Varsovia um bicyclista francez, Terron, que em 6 dias percorreu em bicycleta a distancia que vai de Pariz á capital da Polonia, isto é, 1:200 kilometros em 6 dias. O intrepido bicyclista está já de regresso para Pariz, fazendo a viagem pelo mesmo meio de locomoção.

Barris de aço.—O genio inventivo do homem, vai sempre alargando a sua esphera. Acabam de fabricar-se barris de aço para com mais segurança ser conduzido o petroleo. São feitos de duas partes iguaes, em fórmas, emquanto o aço está quente e essas metades são depois unidas por meio da electricidade.

As fibras do ananazeiro.—Por experiencias já feitas, descobriu-se que de mais um vegetal se pódem fabricar tecidos. E' a fibra do ananazeiro, que vai servir para a manufactura de muitos artigos de vestuario e tambem para cordas. As experiencias demonstraram que a fibra do ananazeiro immergida constantemente em agua pela mesmo processo do nosso linho, conserva-se em perfeito estado durante certo tempo e adquire até maior grau de elasticidade. Na Florida, com o desenvolvimento que alli vai tendo a industria do ananaz, pois no anno passado a producção foi no valor de 3.000:000 dollar, é que se deu principio ao fabrico de tecidos com a fibra do ananazeiro, e na exposição de Chicago já se encontram epecimes de artefactos d'este vegetal. Como o linho, a fibra do ananazeiro presta-se para toda a classe de tecidos, desde a fina cambraia até ao mais rustico panno de aniagem.

Os Bancos nos Estados-Unidos.—Segundo vêmos de um jornal americano é extraordinario o numero de Bancos que existem n'aquelle paiz. A totalidade é de 8:000 Bancos, sendo 3:700 Bancos nacionaes, 3:000 Bancos estadoares e 1:300 Bancos particulares. Durante o ultimo semestre os depositos nos Bancos nacionaes elevaram-se a dollars 1.500.000:000, nos Bancos estadoaes 650.000:000 e nos particulares 100.000:000. Afóra estes Bancos ha ainda 126 Caixas Economicas,

Innundações na Italia.—Communicam de Roma, que tem chovida copiosamente no centro do norte da Italia, tendo-se desencadeado varias tormentas que causaram estragos de consideração.

No districto de Modena ficaram innundadas varias, povoaçõees, perecendo afogadas algumas pessoas. O numero das victimas ainda não póde ser determinado, porque as innundações interromperam a circulação dos caminhos de ferro e o serviço telegraphico.

Novo combustivel. — Está-se generalisando nos Estados-Unidos o uso da serradura de madeira em vez do carvão, como combustivel. Uma fabrica de Fairfield ha longos annos que adopta a serradura como combustivel e diz-se que economisa annualmente 10:000 dollars, comparando a despeza d'este desperdicio de madeira com a do carvão.

Hyhiene da respiração.—O ar compõe-se de dois gazes combinados: o *oxigenio* e o *azote* para a sua formação; o oxigenio contribue com um quinto e o azote com o restante. O ultimo entra no pulmão e não opéra alli nenhuma alteração. Do primeiro uma parte mistura-se no sangue queima-lhe todas as impurezas, restituindo lhe as suas primitivas qualidades. D'esta combustão resulta um gaz bastante prejudicial o *acido carbonico*. D'aqui facilmente se conclue que assim como o ar puro e abundante é bastante saudavel, a falta de ar e este mesmo impuro, é prejudicial. Respiramos treze a quatorze vezes por minuto e de cada vez meio litro d'ar, perfazendo no fim do dia vinte mil respirações, gastando dez mil litros d'ar.

A reunião de muitas pessoas n'uma casa onde não haja a ventilação indispensavel é bastante perigosa, porque se desenvolve alli uma enorme quantidade d'acido carbonico que, como se sabe, o pulmão já não acceita, tornando-se por isso difficil a respiração.

O quarto de dormir deve ser bastante grande e pouco mobilado para que o ar possa circular livremente.

De manhã deve conservar-se a cama aberta por algum tempo a fim de receber bastante ar. As flôres e as fructas não se devem conservar nos quartos porque absorvem o oxigenio. Os factos apertados difficultam a circulação do sangue e impedem o ar de chegar aos pulmões. Deve-se sempre preferir casas onde entre o sol, porque segundo o provervio italiano: «Casa onde não entre o sol entra o medico.»

Os consumidores

Diz muito muito bem o nosso prezado e estimado collega da capital o *Correio da Tarde*, no seu n.º 1379 de 30 do proximo passado mez. Tudo é contra os consumidores.

Na capital ergueu-se o governo n'uma cruzada contra os padeiros que queriam pôr o pão mais caro, e procedeu, a nosso ver, energicamente. Mas, foi só n'este genero de consumo, porque nos outros tambem essenciaes á vida, esses continuam na mesma com gaudio dos negociantes e despreso de todos os chefes de familia. Nas provincias acontece o mesmo.

Agora levanta-se ahi uma gritaria enorme contra os negociantes que querem importar vinhos hespanhoes, porque é necessario que os consumidores o paguem a 150 réis o litro quando o podiam comprar a 60 réis, que já é um preço rasoavel que compensa bem as despezas da agricultura.

A carne subiu a um preço fabuloso, bem como o bacalhau, a manteiga, o assucar, o arroz, sem que houvesse motivo para taes augmentos, e que foram bazeados ha tres annos quando, por causa da revolta das cazernas do Porto, o metal se retrahiu, e como se tal retrahimento podesse influir n'esse augmento espantoso, que os senhores commerciantes entenderam que deviam elevar os seus generos.

Os governos d'então cruzaram os braços, porque o seu nephelibatismo não lhes consentiu olhar pelas necessidades dos povos, e só visava a conservar-se no poder, custasse o que custasse. Mas passou a crize, appareceu muito dinheiro em cobre, em prata, e os generos continuaram na mesma, e continuarão, porque mal foi elles subirem, que para descerem ha-de levar seu tempo, porque ninguem tem a coragem de se oppôr a esse constante monopolio, o que é punivel pelo Codigo Penal.

Os governos cruzam os braços perante essa patifaria, e só agora, na capital, é que o governo teve a boa ideia de pôr um dique ao monopolio d'alguns padeiros, e o mesmo devia fazer com os outros generos de primeira necessidade.

Emquanto aos vinhos, embora estejamos sempre ao lado dos agricultores, n'esta parte não concordamos.

Pelo que nos consta a producção do vinho este anno não é tão diminuta como se julga, e ainda ha muito vinho envazilhado do anno passado; portanto o preço por que está á venda a retalho não é mais do que uma exploração dos taverneiros e dos agricultores.

Somos pela agricultura no que respeita ao excesso dos impostos, quando são injustificaveis, mas n'esta parte, não applaudimos a ideia, porque o real d'agua não onera o lavrador, e aquelle imposto não foi augmentado.

E' pois um erro gritar contra a introducção dos vinhos hespanhoes, que podem vir favorecer as classes menos abastadas, os infelizes trabalhadores do campo e operarios que para trabalharem precisam de beber quatro ou seis decilitros por dia de trabalho, que, como se sabe, é bem pezado; e é porisso, é forçoso, é necessario acabar por uma vez com esse costume de monopolios e de syndicatos que tem sido a nossa ruina. Z.

A SYNDICANCIA Á ESCOLA DE VITICULTURA ALEXANDRE DE SEABRA

O sr. padre João Coutinho publicou e distribuiu largamente um folheto em que fazia graves accusações ao sr. Tavares da Silva, director da Escola de Viticultura d'Anadia.

O sr. Tavares da Silva, logo que teve conhecimento de tal publicação, requereu uma rigorosa syndicancia a todos os seus actos, como empregado publico, independentemente de qualquer outro procedimento ulterior contra o sr. padre João Coutinho.

O sr. Correia de Barros, digno e illustrado inspector das Escolas d'Agricultura, foi encarregado de proceder á syndicancia e para esse fim compareceu na Escola de Viticultura Alexandre de Seabra, no dia 27 de julho. N'esse mesmo dia officiou o sr. Correia de Barros, ao sr. padre João Coutinho, para que comparecesse na Escola afim de depôr e apresentar quaesquer provas sobre as accusações que tinha feito no seu folheto.

O sr. padre João Coutinho respondeu verbalmente que não podia comparecer por se achar doente. De novo lhe officiou o sr. inspector para que lhe marcasse o dia e a hora em que podia recebel-o em sua casa para lhe fazer quaesquer declarações ou apresentar quaesquer provas. Este oficio foi-lhe entregue na presença de duas testemunhas, perante as quaes o sr. padre João Coutinho declarou que no dia immediato respondia.

N'esse dia, o sr. inspector recebeu do sr. padre João Coutinho o seguinte officio:

«Ex.mo Sr.

Venho por esta fórma, visto o não poder fazer pessoalmente, em virtude do meu incommodo de saude, que me faz conservar de cama, expôr a V. Ex.ª o seguinte:

«Só depois da publicação do meu folheto é que fui levado ao conhecimento de que as perguntas n'elle insertas relativas aos actos do sr. Tavares, como director da Escola de Viticultura da Bairrada, tinham o valor de artigos d'accusação.

«Não foi essa a minha intenção, porque n'esse caso as não teria feito e nem me deixaria guiar só por simples e meras informações.

«Soube tambem depois, que os factos a que me referi, por superiormente auctorisados uns, e por não serem outros contrarios aos regulamentos da Escola, nem aos interesses do Estado, não eram illegaes nem abusivos ou irregulares, por isso retiro as expressões do meu folheto que possam importar accusação e injuria ao dito director, e reporto-me ao que constar da escripturação da Escola a esse respeito, acceitando por verdadeiro e exacto tudo o que, em face d'ella, se verificar.

«Deus Guarde a V. Ex.ª, Mallaposta, 28 de julho de 1893.—Ex.mo Sr. Inspector das Escolas de Agricultura Pratica.—Padre João Coutinho».

(Segue o reconhecimento)

O sr. Inspector Correia de Barros deu vista do processo de syndicancia ao sr. Tavares da Silva, para responder ás accusações que lhe haviam sido feitas.

Dias depois apresentou o sr. Correia de Barros todo o processo a sua ex.ª o ministro, que lançou no auto de syndicancia o seguinte despacho:»

«Signifique-se ao Director o resultado da syndicancia, que foi como era de esperar do seu bom nome.

Em consequencia do honroso despacho foi lavrada a portaria do theor seguinte:

«Havendo o Agronomo Director

---

153 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

LIVRO XVII

TERMO DA VIAGEM

V

A PINTURA, A MUSICA E A POLITICA

Decorreram alguns annos.

Lisette e Tapulca vivem felizes nas veigas de Guanabacoa, vendo prosperar a sua fortuna. O rico mexicano ama a engenhosa franceza, que procura manter frescas e louçans as suas illusões. Nada sabem de Fanny; talvez que este nome se lhes apagasse da memoria. De tempos a tempos, Lisette, quando passeia sosinha á sombra das frondosas arvores do seu jardim, dá um suspiro e recorda-se da buliçosa vida da sua adorada Paris. Porém estas lembranças são de curta duração, e só de longe em longe lhe vem á memoria. A America tem para ella tambem os seus encantos. Certa do seu futuro, mora tranquilla no centro d'aquelle paraiso cheio de luz, d'aromas e perfumes.

O mar a separa da sua patria. Resigna-se com a sua sorte e espera.

Tem a alma socegada, a perfidia commettida para com a ama, para com a sua protectora, não lhe perturba o somno. Deus é o unico que sabe o castigo que a espera.

Voltemos á Hespanha.

O publico de Madrid acode de tropel a admirar um bello quadro: E' um assumpto biblico, com figuras do tamanho natural. A formosa Esther sobresae no meio da tela. O quadro fôra premiado e depois vendido a um monarcha estrangeiro por uma quantia fabulosa. Desde as dez da manhã até ás quatro da tarde, a Exposição de Bellas-Artes tem abertas as suas portas ao publico, que pára admirado diante do grandioso quadro.

Alguns jornaes lastimam que um quadro de tanto merito saia de Hespanha. O seu auctor Octavio de Nincourt, conde de Palmier, diz aos seus amigos:

— Isso não deve entristecer-nos; pintarei outros tão bons como *Esther entre o seu povo*; possuo um lindo original: quanto ao dinheiro que vale o quadro, para nada o quero; felizmente não me faz falta e o hei dado a Leoncia, minha esposa, para que o divida em obras de caridade, com a sua boa amiga a duqueza de X... Ellas lá se avenham com os pobres, que, segundo oiço, são muitos.

— Has de confessar—disse-lhe um dos seus amigos—que é uma pena que o quadro vá para França.

— Não digo que não, mas que queres? é um compromisso do nosso bom amigo Raphael David, que, como sabem, está em Paris.

—Tambem devia viver em Madrid, replicou o outro.

— Meu amigo—respondeu Octavio—nós, os hespanhoes, temos um grande defeito, é que somos a tudo indifferentes; aqui, *o não me importa*, é a ordem do dia e os artistas só vivem do enthusiasmo dos seus contemporaneos. Por isso, especialmente os musicos e pintores, não teem outra patria se não aquella que os aprecia, que os distingue e que os enche de honras. David fez muito bem de emigrar; solteiro, independente e emprehendedor, Pariz é um campo mais vasto do que Madrid para as suas aspirações.

— Isso quer dizer que qualquer dia emigrarás tambem.

— E' mais duvidoso. Tenho familia que gosta muito do sol de Hespanha; eu gosto muito da minha familia, e viverei portanto onde ella quizer viver. Em quanto se passava esta scena na rua de S. Jeronymo, Carlos de Zurbaran, que corrigia o ultimo acto de um drama, foi interrompido por um criado que lhe entregou um bilhete de visita.

— Ah! O visconde de Cuadradillo! dize-lhe que entre. E abrindo um dos gavetões da mesa, tirou d'elle um caderno manuscripto. Pouco depois, Alexandre entrava no escriptorio do poeta.

— Amigo Carlos—disse o visconde com notavel petulancia, recostando-se n'uma cadeira—talvez o venha incommodar... mas... devora-me a impaciencia. Leu o meu drama?

— Acabei hontem de o ler.

— E que lhe pareceu?

Carlos vacillou.

Sempre é desagradavel matar com uma palavra só as illusões de um poeta inedito.

Porém Carlos lera já seis dramas de Alexandre, e em nenhum d'elles poude distinguir a veia do auctor dramatico.

N'uma palavra: Alexandre não era poeta, não conhecia o theatro nem o coração humano, nem a logica, nem o senso commum. Um drama de Alexandre era um *castigo*, posto em scena. O publico, pateando-o, teria feito justiça.

Carlos era honrado e leal, e mesmo s despeito do seu bondoso coração, teve que dizer a verdade.

— Pergunta-me, meu amigo, que tal achei o drama?

— Sim, desejo saber a verdade; não me offendo por isso.

— Muito estimo encontral-o em tão boas disposições... pois não tenho boa noticia para lhe dar.

— Como!—exclamou Alexandre alargando o collarinho.

— De certo, porque acho o seu drama irrepresentavel.

— Porém, isso é muito absoluto.

— Disse-lhe com franqueza o que julgo da sua obra. Comtudo não me julgo infallivel, e será bom que o apresente a outra pessoa mais auctorisada do que eu...

Alexandre ficou frio e atterrado. Só depois de longa pausa se atreveu a dizer:

— Com que o setimo tambem não presta?

— De certo.

— Pois senhor, não sei o que hei de fazer para conseguir levar a effeito uma obra minha.

— Talvez com o tempo... vendo e estudando muito...

— Ora! Tenho escripto mais de duzia e meia de peças theatraes, e ainda nenhuma poude obter as honras da representação: vou quebrar a penna.

— Ah! que se tivesse animo para isso!—exclamou Octavio sem poder conter-se.

— E porque não?

A physionomia de Carlos reanimou-se como se o assaltasse uma feliz lembrança.

— Oiça, Alexandre; o que o senhor deseja é adquirir um nome, uma reputação.

— Exactamente; custa-me a viver ignorado; quizera ter uma reputação, ainda que fosse de salteador.

— Porque se não dedica á politica?

— Não entendo d'isso.

— Não importa.

— Ignoro até quem governa.

— Não importa.

— Tanto melhor, tanto melhor. E' uma grande vantagem; se o senhor fôra decididamente democrata, progressista, moderado ou da união liberal, seria isso um grande obstaculo; porém não sendo nada, pode servir o que mais lhe convier.

Alexandre deu uma palmada na e exclamou:

— Talvez tenha razão.

— Se tenho! A politica é tão boa e protectora mãe para alguns hespanhoes, como ingrata madrasta para outros. Procure ser dos primeiros. Faça-se deputado ministerial e nada receie, porque tem certo o futuro. Ha tantos milagres de politica, n'esta abençoada terra, que não é para admirar que ainda venha a ser heroe d'algum.

Alexandre e Carlos fallaram em outras muitas coisas que não relataremos, mas que deixamos ao curioso leitor o direito de as commentar.

Sómente diremos, que o desastrado poeta, quando chegou a casa, fez um auto de fé de todos os seus dramas e poesias e principiou desde então a angariar votos para ser deputado.

Talvez esteja agora nos bancos do congresso. Nada sabemos a tal respeito; porém se algum dia chegar a ser ministro, elle mesmo se dará a conhecer.

VI

A FELICIDADE DE D. RAYMUNDO

Dedicaremos a ultima pagina ao decano dos personagens do presente romance. Raymundo Perales tinha completado noventa annos, e, comtudo ainda tinha firmeza nas pernas, as faces frescas, os olhos vivos e o rosto alegre. A cabeça, branca como um floco de neve, começava a pender-lhe para a terra, como se procurasse a sepultura onde descançaria os ossos.

A mão forte, porém lustrosa pela edade, apoiava-se n'uma grossa bengala de cana da India, inseparavel amiga da sua decripitude, e que n'outras epocas colhera elle mesmo nas selvas do Canadá. D. Raymundo, apesar dos seus noventa janeiros, não deixava de dar os seus passeios, quando o tempo lh'o permittia. A margem do mar éra o seu logar favorito.

— Quizera morrer, vendo as ondas, ouvindo o murmurar das vagas. Tenho tentações de construir uma cabana á beira mar, e n'ella aguardar a minha hora derradeira. Todas as tardes, na estação das flores, e ao meio dia no inverno, D. Raymundo pegava na sua bengala, chamava os filhos de Rosa, que eram tres, e ia defronte a casa de Carlos e Angela, chamava os filhos d'estes, que eram dois, e com os seus cinco netos se dirigia á praia.

Adelaide, que era a mais velha, levava uma d'essas cadeiras de thesoura, cujo assento se compõe de duas tiras de ferro em forma de cruz.

Os filhos de José, o moleiro, e de Agueda, tomavam pouca parte n'estas excursões, porque a sua maior edade os tinha occupados no estudo.

D, Raymundo resumia toda a sua ventura nos seus cinco amiguinhos, ou para melhor dizer, nos quatro mais pequenos, porque Adelaide, que contava já dez annos, era uma especie de aia que acompanhava o avósinho para que os pequenos o *não incommodassem tanto*. Chegados á praia, Adelaide collocava a cadeira em sitio conveniente, e sentava o ancião. Ella fazia outro tanto, porém o seu logar era sobre a areia fina do mar.

D. Raymundo puxava do cachimbo, pois que não perdera os seus habitos de velho marinheiro, e fumava em quanto as creanças brincavam com os arcos e as bolas de borracha.

Adelaide já tinha mais juizo e conservava-se com seu avô, como se já fosse uma senhora. A's vezes formavam todos um circulo em redor do velho marinheiro e pediam-lhe para lhes contar historias.

D. Raymundo tinha grande sortimento d'este genero, e convertia muitos dos episodios em historietas, que eram ouvidas pelos meninos. Assim se passavam as horas, e quando assomava a noite, o velho maritimo dava a voz de marcha, e todos se encaminhavam para a povoação.

Nem sempre voltavam sós. Tambem Luiz e Rosa, Carlos e Angela iam á procura de seus filhos, sahindo-lhe ao encontro a meio do caminho.

E conta a historia que aquella dilatada familia, chegou a ser tão feliz como numerosa, a ponto de Luiz de Zuñiga se esquecer de que fôra conde de Rambla, e Carlos Perales de que usara da espada e commandara um regimento. Filhos da fé, tudo esperavam do trabalho e da Providencia.

Deus teve por largos annos suspensa a sua infinita misericordia sobre a familia de Raymundo o marinheiro.

FIM.

da Escola de Viticultura Alexandre de Seabra, José Maria Tavares da Silva, requerido uma syndicancia a todos os seus actos na direcção da mesma Escola, afim de se desafrontar das accusações que lhe foram feitas em um opusculo, de que deu conhecimento official ás estações superiores, e havendo-se verificado, não só pela retractação formal posteriormente feita pelo auctor do opusculo de todas as accusações n'elle contidas, como pela inspecção e exame a que se procedeu por effeito da syndicancia ordenada pelo governo, a completa insubsistencia das alludidas accusações, e bem assim a boa regularidade em todos os serviços da mencionada Escola. Ha por bem Sua Magestade El-Rei ordenar que o processo da syndicancia, feita áquelle funccionario, seja trancado dando-se-lhe d'este facto conhecimento para sua satisfação e effeitos devidos.—Paço em 16 de setembro de 1893. Assignado—Doutor Bernardino Luiz Machado Guimarães».

«Está conforme. Direcção dos Serviços Agricolas em 18 de setembro de 1893. O Director Geral de Agricultura—Elvino de Brito».

Não era de esperar outro resultado da syndicancia requerida pelo sr. Tavares da Silva. Conhecemol-o desde que veio dirigir a escola de Viticultura d'esta villa e, desde então, tivemol-o sempre como um empregado publico distinctissimo pelo zelo e intelligencia com que tem desempenhado as obrigações do seu cargo.

Felicitamos pois o sr. Tavares da Silva, não pelo resultado da syndicancia que não podia deixar de ser o que foi, mas por ella ter dado occasião a receber dos poderes publicos, seus superiores, mais um honroso documento dos seus elevados merecimentos.

*

O que acaba de lêr-se é opinião d'um collega, opinião que nós corroboramos com o assento de consciencia, de convicção e de verdade a que não sabemos faltar. O collega conhece o accusado desde que elle foi dirigir a escola de Viticultura. Nós conhecemol-o de mais longe:—conhecemol-o desde os bancos das aulas e ainda quando exerceu cargos publicos nos diferentes pontos do paiz em que serviu; e conhemol-o sempre estudante distincto, funccionario intellingente, zeloso e digno como os que mais o sabem ser.

E' a nossa opinião, e cremos que será a de todos os que conheceram tão illustrado, probo e tão distincto funccionario.

Fabricação de tintas e lacres

E' verdadeiramente notavel o estabelecimento que o sr. Alvaro Esteves Castanheira montou em Coimbra. Precisa ver-se para se admirar; precisam ver-se os seus productos para bem se avaliar até que ponto a vontade de um homem e o seu espirito patriotico pode elevar a industria que entre nós criou.

Sobre o assumpto, que tanto importa ao paiz e ao credito das suas industrias, escreve o nosso muito presado collega *Conimbricense* as seguintes linhas.

Falle o mestre e depois nós:

«Por mais de uma vez nos temos referido á importante fabrica de tintas e lacres, que o nosso amigo o sr. Alvaro Esteves Castanheira, modernamente organisou n'esta cidade. O sr. Alvaro não tem poupado esforços para aperfeiçoar e desenvolver esta industria, e felizmente vê coroados do melhor exito as suas fadigas e sacrificios.

Até aqui estavamos dependentes do estrangeiro para a compra da tinta e dos lacres; mas agora já aqui temos esses productos nas melhores condições, e muitissimo mais baratos. São valores que ficam em o nosso paiz, em logar de irem para a Allemanha, França e Inglaterra, como até aqui.

A tinta de escrever e de copiar d'esta fabrica está tendo um consumo extraordinario. E não é só no continente de Portugal que esse consumo se realisa; mas a tinta d'esta fabrica vae já em larga escala para as nossas colonias. O sr. Alvaro acaba de satisfazer uma avultadissima encommenda para a provincia de Angola, especialmente para o Dondo. A remessa excedeu a 70 caixões, cheios de botijas e frascos de tinta preta e alguma de carmim e outras côres. Tambem foi avultadissima quantidade de lacres, assim como foram muitos outros objectos para escriptorio. E' este um feliz documento dos progressos das nossas colonias de Africa.

Quem em tempo havia de suppor, que só para uma parte da nossa provincia de Angola seria pedida uma tão extraordinaria quantidade de tinta e outros accessorios?

O que isto claramente manifesta é o desenvolvimento da população e do commercio n'aquellas localidades.

Muito folgâmos de dar estas agradaveis noticias, não só pelo que diz respeito ás colonias portuguezas, como ao desenvolvimento d'esta nova e já importante industria da nossa cidade de Coimbra.

Joaquim Martins de Carvalho.»

Fallou o sr. Martins de Carvalho—fallou do estabelecimento industrial que honra Coimbra, e fallou da Africa com o assento patriotico que distingue todos os seus escriptos.

Disse bastante, mas não disse tudo. Nós vamos mais longe, affirmando que os productos da casa Esteves Castanheira são os mais perfeitos que temos visto, não só competindo mas excedendo mesmo tudo o que nos vem de fóra. Tinta, lacres, gommas, tudo o que alli se manufactura não tem differença pelo menos do que melhor nos vem do estrangeiro. Depois o luxo da embalagem e os preços são d'uma modicidade relativamente notavel. E' preciso ver para fazer o devido juizo e a devida justiça que merece o seu arrojado emprehendedor.

O que é necessario que se faça e devemos crêr que se fará, é que as differentes repartições publicas do paiz se forneçam dos productos que no importante estabelecimento do sr. Castanheira se fabricam. Exige-o o patriotismo de nós todos, exigem-o os preceitos de economia que é preciso que vigorem e que se estabeleçam em todas as repartições do Estado.

A perfectibilidade dos objectos de que se trata é affirmada por homens competentes como se vê da declaração que sob o titulo **Tinta Peninsular**, publicamos na 4.ª pagina d'este jornal.

AS NOSSAS POSSESSÕES AFRICANAS

Sob esta epigraphe, mas sobre o mesmo assumpto escreve ainda o *Conimbricense* de 3 do corrente:

«E' notavel o desenvolvimento que vão tendo as nossas colonias de Africa.

Em o ultimo numero do *Conimbricense* noticiámos a remessa que, por encommenda, fez para o Dondo, na provincia de Angola, o nosso amigo o sr. Alvaro Esteves Castanheira, de mais de 70 caixões cheios de botijas e frascos de tinta preta de escrever e copiar, alguns de carmim e outras côres, grande quantidade de lacres e muitos outros objectos proprios para escriptorio. Isto demonstra um grande movimento commercial, e uma adeantada civilisação, factos esses que convem serem bem conhecidos de todos. A'cerca do Dondo lê-se no moderno e importantissimo *Diccionario de Geographia Universal* o seguinte:

«*Dondo.*—Grande povoação do concelho de Cambambe, districto de Loanda, provincia e bispado de Angola, comarca de Loanda (Africa portugueza occidental), banhada pelo Quanza e na margem direita do mesmo rio. Está em communicação directa com a cidade de Loanda, capital da provincia, por meio de vapores, cujas viagens na epoca das cheias duram 20 horas, empregando na volta de Laanda 35. E' no Dondo que actualmente se fazem as maiores transacções do Quanza, transacções que lhe dão o maior valor e importancia commercial. Affluem aqui os povos do sertão ou do interior da provincia que vem trocar productos naturaes por outros, como missangas, armas, polvora, tecidos, aguardente o outros, importados de Portugal. Este commercio não existia antes da navegação a vapor no rio Quanza. O Dondo, tambem conhecido pelo nome *Feira do Dondo*, está defendido por um forte destacamento de primeira linha. Brevemente deve ficar concluida a linha telegraphica que liga esta cidade a Loanda.»

Eis ahi a importancia que vão adquirindo as nossas possessões africanas. Antigamente eram muito demoradas e extremamente difficeis as communicações com as nossas colonias; pelo que o commercio, que com ellas *tinhamos, era insignificante.*

Agora com a navegação a vapor, com o desenvolvimento sempre crescente que vão tendo as communicações do littoral africano com os territorios e povoações do interior, e com o progresso da agricultura e industria n'essas localidades tem augmentado de um modo extraordinario as transacções entre Portugal e aquellas suas colonias.

Eis ahi tem os povos do continente do reino para onde dirigir-se, quando por acaso queiram abandonar as suas povoações. Em vez de emigrarem para o Brazil, podem ir, e com muita vantagem para as nossas possessões.

Já hoje a nossa Africa não causa a pessima impressão dos tempos antigos. As possessões portuguezas já se não compõem unicamente, como outrora, de escravos, de povos embrutecidos e de condemnados a degredo. Alli ha uma população numerosissima, livre, illustrada e trabalhadora. Porque não ha de o nosso povo ir de preferencia para aquellas nossas possessões?

A requisição de encommendas de quantidades avultadissimas de tintas de escrever, lacres, e outros muitos objectos proprios para a vida commercial, é só por si um documento do movimento e actividade que se está desenvolvendo n'aquellas localidades. As colonias portuguezas, tanto da Africa occidental, como oriental, podem vir a ser uma valiosa fonte de receita para o nosso paiz. Prestem os governos toda a attenção para este ponderoso objecto; auxiliem esses esforços os capitalistas, os commerciantes e os industriaes; favoreçam os povos com a sua boa vontade essas diligencias, e veremos o grau de transformação a que chegam essas nossas colonias.

Todas as nações estão prestando os maiores cuidados ás suas colonias, porque vêem a extrema necessidade que tem de estender o commercio e as industrias das metropoles, para as respectivas possessões. Ora quando nós temos tão vastos territorios, que até nos são invejados pelos governos estrangeiros, havemos de nos collocar na situação de nos virem expropriar essas possessões, como *por utilidade publica?!*

Não podemos deixar de louvar os serviços relevantes que a este respeito tem prestado a benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa. A ella se deve não pouco do conhecimento que hoje ha das cousas africanas; e pelo seu inexcedivel zelo se tem conseguido muitos dos progressos que já se notam no respectivo commercio, agricultura e industrias. A Sociedade de Geographia de Lisboa comprehendeu bem a sua nobre missão.

Os paizes estrangeiros estão promovendo activamente os seus interesses. Pois façá nos nós o mesmo. Mais obras e menos palavras é aquillo de que precisâmos.

Joaquim Martins de Carvalho.»

CARTA DE CANTANHEDE

9 de outubro de 1893.

E' deveras horroroso o que se tem passado na finda semana em duas povoações as quaes ficam a pequena distancia d'esta villa, Eil-o: Maria Caetana, filha de Antonio Caetano, da Taboeira, pastora do rebanho de Manuel Netto Murta, de Lemede, onde residia e de quem era creada e que conta 16 annos, deu á luz uma robusta creancinha, no meio d'um matto, onde a abandonou, indo em seguida lavar se a um ribeiro. Pouco depois, appareceu José Malleiro, de Villa Nova, que andava á caça e encontrou a creancinha abandonada, devido aos latidos dos seus cães. Em seguida avistou a desnaturada mãe, á qual se dirigiu e lhe fez diversas perguntas a que ella respondeu negativamente e sustentou que não era seu e nem lhe quiz sequer pegar. Em vista d'isto o caçador, tomou a resolução de chamar uma mulher, apparecendo Maria Lameiro, que pegou na creança e a conduzio a casa do amo da malvada mãe. Em consequencia das ameaças que lhe fizeram, confessou o crime e d'isto foi apresentada participação em juizo.

— João Pessoa, do logar da Pena, tendo soffrido alguns prejuizos, attribui-os a castigo que lhe fôra enviado por Deus; em seguida tractou de se confessar e ler continuamente os livros sagrados. Foi confessar-se a muitas partes, e 3 vezes ao Convento de Santa *Thereza, onde não o quizeram absolver.* O infeliz, julgando-se em peccado mortal, atou a uma trave uma corda e enforcou-se n'ella. A mulhre do suicida, tem principios de alienação mental.

— Retirou d'esta villa, o mui digno e zeloso escrivão de fazenda o ill.mo sr. Manuel Marques Moreira, para Leiria, onde foi collocado pela ultima reforma. Deixou as mais gratas recordações de amizade, e fez sempre um logar distincto, pelo que todo o concelho lamenta a sua sahida. Era estimado do povo e dos principaes do concelho, estimado e venerado pelo seu talento e pela rectidão e imparcialidade do seu austero e honrado caracter. Todos, sem excepção de facção politica, empregaram os meios para o conservarem aqui, mas não o conseguiram com profundo desgosto. D'aqui enviamos ao nosso protector, os nossos respeitosos protestos de verdadeira estima e consideração pelo muito respeito que consagramos ao seu talento, ao seu honrado caracter e lhe desejamos mil venturas e prosperidades. Felicitamos pois os povos do concelho de Leiria, pelo mui digno escrivão de fazenda que possuem.

— No dia 7 e 8 novos espectaculos dados pela companhia *Hespanhola*, a que nos referimos na ultima correspondencia. Tive pois a honra de assistir tambem a estes espectaculos, os quaes nada desmentiram dos bons creditos que tem gosado esta companhia. Aqui, assim como nas outras terras, tem sido muito applaudidos com as zarzuellas *Suzana, o Cego, Angustias d'um procurador, Abra-me usted a porta, Ninha Pancha.* As muzicas são lindissimas, por serem cheias de encanto e melodias e foram bem executadas, pelas distinctas actrizes, D. Thereza Adeva e D. Virginia Gouveia. Ainda que a orchesta não estava em maré de felicidade, não deixou o publico em geral de a aplaudir e reconhecer o valoroso talento das consumadas e distinctas actrizes, e bem assim de D. José Adeva, que tanta helaridade provocou sempre aos espectadores.

— Retirou para a Louzã, onde foi tomar posse do logar de escrivão de fazenda o sr. Izaac de Magalhães Mexia.

Reis da Silveira.

SECÇÃO HISTORICA

A QUINTA DA RABICHA

1847-1848

Foi cortada pelo caminho de ferro de Cintra. Ficava debaixo do grande arco. Diogo Alves, como é sabido, com os seus bandidos, atirava d'alli a baixo, depois de roubados, os passeantes de todas as classes, que iam admirar a vista d'aquelle delicioso suburbio da cidade. A principio, attribuiam-se a suicidios os nefandos crimes. A Quinta da Rabicha era pequena e em fórma de triangulo. Toda colmada d'um odorifero e viçoso pomar, que dava primorosas laranjas. Agua abundante e corrente.

A amenidade do sitio contrastava com os rochedos escalvados, que diziam para o poente. Nos arredores de Campolide muitas casas em ruinas, esburacadas de ballas de fusil e artilheria, dos assaltos dos realistas, á cidade, nos dias nefastos da grande guerra de D. Pedro e D. Miguel.

Na Rabicha, o sumptuoso hotel, ao ar livre, debaixo d'um parreiral, ao pé d'um tanque, sempre trasbordando de agua, fornecia as pescadinhas de rabo na bôca, ovos duros, queijo saloio, pão de Bellas, alface repolhuda, a verdadeira alface lisboeta, que nem a de Roma lhe dá de rosto. Era um banquete. Um cruzado novo—480 réis—sobrava para quatro homens comerem e beberem á farta. Comparar o preço da alimentação d'aquelle tempo com a de agora produz tonturas de cabeça! Vinho, fóra de portas—e as portas eram logo alli em Alcantara—trinta réis a canada; pão a vinte e cinco; uma pescada do alto, de lombo negro, que chegava para uma familia regular, seis vintens; manteiga de Cork da mais fina, a melhor que se conhece ou que já se não conhece, onze, doze vintens o arratel! Fracta de graça, e que fructa!—a pera do conde, marqueza, corrêa, de sete cotovelos, vingulosa e colmar. Tudo isso desappareceu, quasi completamente. Fizeram-se umas enxertias, que, sem produzirem as finissimas peras francezas, estragaram as nossas. Em compensação, a cidade era uma necropole e um muladar. Os candeeiros de azeite, a respeitosa distancia uns dos outros, bruxuleavam mortiços e fumosos.

Nas noites em que a folhinha dava lua, embora os cumulos toldassem o ceu tempestuoso, não se accendiam. Da bôca da noite em diante, dos primeiros aos quintos andares, os gritos constantes de — *Agua vae* ou —*Agua foi*, como clamava Bocage, vituperando, em termos obscenos, a fregona, que o tinha baptisado com os balsamos nocturnos! Os grilhetas do Castello, do Limoeiro, da Cova da Moira e do Hospital da Estrella, acorrentados, carregando agua ou trabalhando nas calçadas. O Omnibus atravessando vagarosamente, pesado e triste como uma tumba, do Pelourinho até Belem. O mercado de porcos, onde hoje campeia a arejada e elegante Praça do Principe Real. O Passeio Publico fechado como uma jaula: agora temos lá a desafogada e magestosa Avenida.

No verão de 1847, os rapazes da Maria da Fonte, ao mando das potencias extrangeiras, embainharam a espada no Alto do Viso.

Que rapazes! Como corriam ao assalto, cantando alegre:

«Somos moços, somos livres,
Somos de mais portuguezes;
O dever nos chama á guerra,
Affrontemos seus revezes!

«Quando da patria
Sôa o clarim,
Ninguem nos vence,
Morremos, sim!»

E não era rethorica! No Alto do Viso, o primeiro que baqueou, á frente dos academicos, atravessado pelos peitos, foi o seu bravissimo commandante, Fernando Mousinho de Albuquerque. O segundo—e esse para não mais se levantar—Fialho, o grande amigo de D. Antonio da Costa de Macedo. Antonio da Costa, formoso talento e nobre coração, ainda passados muitos annos, não memorava esse dia sanguinolento, e o seu condiscipulo e camarada, sem que os olhos se lhe enturvassem de lagrimas.

Os rapazes de hoje, quando apódam os velhos, não o fazem por malevolencia: obedecem a uma corrente, a mais impetuosa, a da moda; não sabem que acções praticaram nem que livros escreveram! Os novos, se um dia tiverem de contrastar as refregas da má fortuna, correndo os Annaes da patria, farão justiça a esses homens, que souberam trabalhar, amar e morrer!

Em 1847, os conflictos davam-se todos os dias, nas ruas e praças da capital, entre os patuleias e os sicarios do batalhão da Carta. Os odios estavam latentes e não se perdia lanço de conspirar. Nas reuniões secretas, presididas pelo Conde das Antas, nos cafés, nos passeios de campo, em toda a parte, iamos fazendo a nossa propaganda. Quando rebentou em Paris a revolução de 48, cobrámos novos alentos. Emilio Augusto Zaluar, João de Aboim e Soisa, e Almada eram meus intimos. Elles já homens feitos; eu nos primeiros annos da adolescencia; mas acompanhava-os nas suas ideias e planos de reacção. Faziam versos, romanticos, descabellados; porém com chispas de talento. Zaluar continuou, e, no Brazil, onde esteve largos annos, alcançou nome litterario, justamente festejado.

Um dia, sahi-me eu com o *Se coras não conto.* Abraçaram-se como se fôra seu irmão Benjamim, e, a occultas minhas, puzeram-me os versos n'um jornal. Quando vi o meu nome em letra redonda, precedido de algumas palavras benevolas, julguei-me coroado no Capitolio! Que dia nadando em luz foi para mim aquelle!... Ainda o bemdigo hoje, porque ás letras, que me não tem dado gloria nem haveres, devo as horas mais luminosas e gratamente enleadas da minha vida modesta.

Todos nós gostamos do campo. Davamos largos passeios, e na primavera e verão, muitas tardes iamos cahir na Rabicha. A's vezes apparecia um companheiro a mais, rapaz de merito, e uma das melhores almas que tenho conhecido—era Luiz Ribeiro de Sá, o Lulú, como nós lhe chamavamos. N'aquelle banquete ao ar livre, com a popular pescadinha, o queijo saloio, crepitava a alegria! Que planos, que futuros, que protestos de jamais nos separarmos! Passavamos diplomas de genio uns aos outros, revelavamos segredos do coração, decidiamos das altas questões do estado!... E a nora a gemer, e o pomar ondeando, e o sol fecundo da primavera no azul immaculado! O dia de S. João de 1848 foi o ultimo que estivemos na Rabicha. Na noite d'esse dia, deu-se um acontecimento grave, e que ia sendo fatal! João de Alboim tinha entrado, como um valente, que era, na refrega do Alto do Viso. Logo no principio da batalha, defrontou com o Pancada official do campo inimigo. Ambos estavam a cavallo e ambos eram bravos.

No duello singular e rapido, o Pancada apanhou um leve gilvaz. Ficaram de rixa velha. Na noite de S. João de 1848, pela volta das dez horas, aos Poyaes de S. Bento, João de Alboim deu de rosto com o Pancada, que era da guarda municipal, creio que capitão. Jogaram-se um com o outro, Aboim, com uma boa bengala de cana da India; Pancada, com a espada nua. Aboim partiu-lhe dois dentes; Pancada deu-lhe duas cutiladas na cabeça, que o deixaram por morto. Logo que se restabeleceu dos ferimentos graves partiu para o Rio de Janeiro. Pois ainda não ficou a cousa por alli. No verão de 1851, João de Aboim voltou do Brazil.

Passado tempo, encontrou Pancada ao pé da egreja de S. Domingos. Ambos vinham desarmados. A lucta foi a braços. D'essa vez, Aboim levou a melhor. O adversario ficou muito pisado. Vamos, que os dois tinham a garra dos falcões primazes! Augusto Zaluar foi para o Rio de Janeiro e por lá ficou, como já contei n'estas *Memorias.*

Quando hoje atravesso a Rabicha, no caminho de ferro, deixo de ouvir o ruido do trem, de sentir o fumo das machina, e a memoria traz-me o aroma do pomar, o gemer da nora, os meus primeiros versos, os amigos que perdi e... uma grande saudade!

Monte de Caparica, Torre, Fevereiro, 16 de 1893.

Bolhão Pato.

SECÇÃO AGRICOLA

Os residuos da uva, da ratata e das peras

E' racional que os residuos, isto é o engaço das uvas e os restos das batatas, peras e outros fructos, voltem para as vinhas e para os terrenos que se empobreceram para os produzir. Nem sempre os cultivadores admittem este principio, mas por vezes alguns o admittem. Assim, nas grandes herdades da Costa d'Ouro, o engaço enterra-se na vinha, que, em grande parte, não recebe outra estrumação. Esta restituição, muito natural e muito racional, tem, quanto a nós, o grande merito de salvaguardar a delicadeza dos vinhos. Os cultivadores de Argenteuil affirmam que o engaço é preciosa adubação para as figueiras.

Os residuos das batatas e das peras, que serviram para diversas fabricações, ficam quasi sempre sem applicação. Este desperdicio é tanto mais para lastimar quanto é certo que aquelles restos constituem a adubação natural dos pomares. Temem-n'os, bem o sabemos, por elles serem muito acidos e porque n'este estado podem contrariar a vegetação. D'accordo; mas, como é facilimo destruir-lhes a acidez, parece nos melhor vencer o inconveniente do que recuar diante d'elle. Desde o momento em que queiramos darnos ao trabalho de misturar os residuos das batatas e das peras com cal ou com cinzas, ou ainda com os estrumes do curral, conseguiremos de certo corrigir os defeitos d'este adubo vegetal. Segundo Joigneaux, o melhor modo de empregar os residuos assim preparados, seria enterral-os junto das arvores, por meio de uma lavoura ligeira, logo depois da queda das folhas. Não seria necessario espalhal-os por uma grande superficie, attendendo a que as raizes das arvores são, por assim dizer, drenos naturaes, que conduzem os liquidos, entre a terra e as proprias raizes, até ás suas mais afastadas *extremidades.*

Os fructos podres são um adubo, pelo mesmo motivo que os residuos. Em logar de deital-os para a rua ou para cima da estrumeira, o que é mais conveniente, dever-se-hia, quando pela quantidade merecesse a pena, pôl-os de parte, esmagal-os um pouco e polvilhal-os com cal ou cinzas, regal-os de tempos a tempos com agua de estrume, e servir-se d'elles durante o inverno para adubar as arvores do jardim ou do pomar.

Ahi, ao menos estariam, os fructos podres, no seu verdadeiro logar.

SECÇÃO LITTERARIA

VOGANDO...

Suspiram as vagas em doce balanço
Suaves endeixas...
A brisa soluça do Mar no regaço,
E a Lua desdobra, sorrindo, no Espaço
As loiras madeixas...

Em ninho d'espuma que as ondas embalam,
Gentil andorinha,
Unidas as penas ao corpo gelado
Repoisa, com o languido olhar apagado,
—A pobre avesinha!...

Voava p'ra o ninho querido, pendente
Das rusticas fragas;
Mas, subito, a aza parou fatigada,
E a pobre andorinha caiu fulminada
Do Oceano nas vagas...

O Mar soluçante offereceu-lhe no seio
Um ninho d'espuma;
E as ondas vieram de leve, gomentes,
Carpindo amarguras, saudades pungentes,
Beijal-a uma a uma...

Do manso levada ao sabor da corrente,
Aonde irá ella?...
Que aguas verão suas penas sedosas?
Que brisas, irão sensuaes, perfumosas,
Suspirar ao vel-a?...

O ninho d'espuma de leve fluctua
Nas aguas prateadas;
No céo as estrellas scintillam flamantes;
Brincando, esvoaçam gentis, elegantes
Aerias fadas...

E as vagas suspiram em doce balanço
Suaves endeixas...
E a brisa soluça do Mar no regaço,
E a Lua desdobra, sorrindo, no Espaço
As loiras madeixas...

S. Jacintho—Setembro—93.

Elizio de Lima.

ANNUNCIOS

BONITO CAVALLO

VENDE-SE um cavallo, de mais da marca de quatro para 5 annos, para cavallaria, podendo servir tambem para carro. N'esta redacção se diz com quem se trata e onde pode ser visto.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas eletricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

E

O CONDE DE THOMAR

A perseguição movida pelo conde de Thomar ao marechal Saldanha não consterna, exalta o duque. Do ministerio actual uma cousa só póde humilhar — são os favores! O seu odio illustra, a sua vingança ennobrece.

O duque deve aos seus concidadãos a verdade; ha-de dize-la toda, amargue a quem amargar. Declarando os motivos, que o collocaram no campo da resistencia legal, obedece aos deveres da sua posição e ás regras d'este systema, em que a obrigação de todos é dar conta dos seus actos, e apellar da perseguição injusta para o juizo do paiz.

Depois de gasta a calumnia, emprega-se contra o marechal a arma dos falsos boatos, forjados nas officinas da policia, segundo se diz. Divulga-se por com boccas mercenarias, que cedendo ao *convite superior* elle, a final, está disposto a servir o governo em commissão diplomatica em alguma das côrtes da Europa!... Dá-se como proxima a sua sahida de Portugal, e como effectuada a sua annuencia ao deshonroso pacto!

A policia, se foi ella, ou o industrioso inventor dos boatos, quem quer que seja, perderam o tempo, e a fadiga. O duque de Saldanha não sahiu, nem sahirá do paiz em quanto julgar a sua presença util ao bom exito da lucta constitucional travada entre o gabinete presidido pelo conde de Thomar, e a grande maioria sensata e independente do partido cartista. Está no seu posto de cidadão e de soldado para acompanhar no soffrimento os seus camaradas perseguidos, e protestar com a sua pessoa e com o seu voto contra a exautoração da politica moderada, que ajudou a restabelecer.

O dever do duque é que lhe dicta a posição, que occupar, no campo, ou nas reformas pacificas a causa da liberdade hade triunfar. O passado decrepito e rachitico não pode vencer o futuro cheio de vida, de vigor e de actividade.

Em uma palavra, considerando-a na sua origem—a nova republica franceza é a solução necessaria do dilemma posto entre a monarchia e a democracia; é a substituição da realidade ás ficções e dos principios ás transigencias; é o symptoma da decadencia do constitucionalismo; é a inauguração das ideas que nasceram com a philosophia, que amadureceram com a experiencia, que se fructificaram com as victorias da intelligencia. Considerando-a nos seus resultados, é o programma d'uma nova organisação social baseada na unidade politica, na igualdade moral da especie humana, e no dogma evangelico da fraternidade; é a aurora da liberdade sem sombras do despotismo, benefica, forte e justa; é um marco collocado pela mão do destino na estrada da civilisação.

Coimbra 13 de março de 1848.

impôr-lhe a sua authoridade infallivel e a sua omnipotencia despotica.

A carta constituconal não traz em nenhum antigo disposição, que mande guardar, como palladio d'estes reinos, a familia Cabral, ou que declare indispensavel, absoluto, o unico estatista o conde de Thomar. Aggredir o ministro é combater um individuo; hostilisar a sua politica é condemnar um systema irritante, maculado de suspeitas vehementes e menos honrosas que já se abysmou n'uma catastrophe ao clamor do paiz armado em massa!

Ao duque importam pouco, portanto, as insinuações e os boatos divulgados para o figurar reconciliado com as idéas exaltadas, contra as quaes toda a sua vida tem sido um protesto não interrompido. Mesmo que não fosse o seu profundo convencimento, ha o respeito de si e da nação para abrir um abysmo entre o marechal e taes idéas. O conde de Thomar, o Protheo mais fecundo em transformações lucrativas, não admira que avalie os outros por si; mas o duque nunca foi, nem ha-de ser um flibusteiro politico para renegar em um dia os principios de que fizesse gloria no antecedente. Não aprendeu ainda o segredo d'estas rapidas e espontaneas conversões, que o vocabulario politico costuma flagellar com o nome de apostasias cynicas!

O conde de Thomar com a grandesa d'alma, que as suas acções attestam, entendeu que devia punir no marechal a liberdade de opinião, vingando o seu orgulho ferido nas discussões tempestuosas da camara dos pares, onde tão insignificante estadista o orador se mostrou a todos. Supporia acaso que bloqueava o duque com as demissões, e com a escacez ou mesmo penuria de recursos? Julgaria desarmar um adversario, e calar uma resistencia?

Illudiu-se, se o acreditou. A perseguição não faz senão retemperar o espirito e fortificar a constancia do duque; não o abala nem o aterra. Soldado tem dormido no campo e provado de todas as privações para achar prazer na ausencia do necessario. Na sua idade tem visto passar os homens e as cousas, e tem conhecido todos os revezes e favores da sorte.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar*, da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente. o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas*, que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre*. (Segue-se o reconhecimento).

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense*, em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, baateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA " " " " 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visitos modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

PARA O SEXO FEMININO

EM

AVEIRO

N'ESTE antigo collegio, bem conhecido pelos excellentes resultados obtidos nos exames de todas as disciplinas leccionadas, continuam a admittir-se alumnas internas, semi-internas e externas, as quaes, a par do desenvolvimento intellectual, recebem uma solida instrucção moral, sendo tratadas com os mais assiduos e maternaes desvelos.

O curso da educação comprehende: instrucção primaria elementar e complementar, portuguez, francez, inglez, geographia, desenho, piano e todos os trabalhos de lavor proprios para uma senhora.

Todas as mensalidades devem ser pagas adiantadamente, sendo por trimestre as das alumnas de fóra do continente.

Mensalidade das alumnas internas, comprehendendo a instrucção primaria elementar e complementar e o ensino dos trabalhos de lavor á medida que o desenvolvimento da alumna o permittir	8$000
Estudo de francez	1$000
Dito de inglez	1$000
Pelo estudo de cada uma das outras disciplinas	500

Cada alumna interna, além da roupa necessaria para seu uso deve trazer um leito de ferro cujas dimensões serão dadas no collegio e a respectiva roupa de cama, lavatorio e mais objectos indispensaveis de toucador, seis toalhas de mãos, seis guardanapos, um talher, um copo, uma colher de chá, uma caixa de folha com cadeado, uma cadeira e todos os mais utensilios para os trabalhos de lavor.

A roupa é lavada e brunida por conta do collegio. Medico e botica, livros e mais despezas extraordinarias serão pagas por conta da alumna.

A mensalidade das alumnas semi-internas, comprehendendo estudo das mesmas disciplinas a que tem direito as alumnas internas é de 4$000 réis e pelo ensino das outras disciplinas pagarão as mensalidades estabelecidas para as alumnas internas.

As alumnas externas são divididas em tres classes:

1.ª classe—Primeiras letras	800
2.ª classe—Instrucção primaria elementar	1$000
3.ª classe—Instrucção primaria complementar	1$200
As alumnas exernas que se dedicarem ao estudo de qualquer das outras desciplinas pagarão pela mensalidade da classe a que pertencerem e mais uma disciplina	2$000
Por mais duas disciplinas	2$500
Por mais tres disciplinas	3$000

e assim por diante.

A mensalidade pelo estudo de piano, que deve ser paga separadamente é para todas as alumnas de 2$000 réis.

As alumnas semi-internas e externas devem trazer uma caixa de folha com cadeado, uma cadeira e os mais objectos indispensaveis para os seus trabalhos.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

PARA PIANO E CANTO

por

Cesar das Neves e Gualdino de Campos

Summario do 1.º fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Cama verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saloro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz

AVEIRO

GAL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia. Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

suas vinganças; não o confundir entre os caudatarios da sua omnipotencia é para um cavalheiro, a summa satisfação; ser objecto do odio do ministro do reino, é receber um elogio insuspeito de probidade e de constancia politica. O exercito igualmente deve reputar-se feliz por ter incorrido na sua desconfiança: desde que o perseguem na pessoa dos generaes, e dos officiaes mais distinctos, passam-lhe attestado de não cumplicidade em tudo o que temos observado com pasmo, que só póde ser excedido pelo pejo.

A obediencia passiva da disciplina já não basta aos inquisidores da consciencia e do pensamento. Tendem ao dominio pessoal e absoluto de uma familia odiada, posta acima de tudo e de todos como razão de estado, como necessidade irremessivel do paiz, como unica sabedoria e refugio da ordem, e da segurança do throno.

Tão longe nunca se levou em tempo nenhum a irrisão dos principios e a aberração da intelligencia e da dignidade nacional. O circulo que riscava o general romano em volta do rei barbaro era mais amplo e menos fatal, do que o é hoje este, que ousa traçar em Portugal a mão temeraria de uma fracção endondecida pela raiva e pelo temor. Depois de se envolver no manto sacratissimo da corôa para a expôr, arroja-se com audacia a usurpar-lhe quasi a inviolabilidade, tendo-se já declarado necessaria como ella!

Os serviços prestados á dynastia e ás instituições dão ao marechal o direito de refutar com um sorriso as accusações estultas de difamadores venaes. E' conhecida tactica do conde de Thomar, propria da sua antiga escóla demagogica, o representar como inimigos da ordem, do throno, e da carta, a quantos não juram nas suas palavras, não se curvando á sua vontade.

Era commodo se não fosse ridiculo o ardil. S. ex.ª é por ora muito pequena cousa ainda para resumir na sua pessoa o destino de uma familia de principes e a salvação de uma grande idêa politica. O partido moderado viveu tanto tempo forte e honrado, mesmo apesar do conde de Thomar, que sem perigo póde dispensar o summo sacerdote, que pretende hoje

pa. Os seus inimigos, mesmo, sabem que elle não costuma ceder o campo sem combate, nem retirar-se do perigo sem victoria; hoje não se julga mais infeliz do que até aqui tem sido.

O duque presa-se de ser cavalheiro. A policia e o ministro do reino podem ignorar as obrigações impostas pelo brio e pelo decoro, porque os sentimentos delicados não se aprendem na *aldêa* ou nas *confidencias delatorias*, nascem com os homens; mas quem não podia esquece-los é o marechal que foi creado com elles, que os bebeu com o leite da infancia. Um cavalheiro não se vende porque não tem preço.

O duque de Saldanha tolerou no conde de Thomar os erros da intelligencia e perdoou as aberrações da ambição, porque os defeitos ou as paixões politicas não são infamantes; e não queria que jámais se attribuisse a rivalidade pessoal qualquer divergencia; agora o que o marechal não podia fazer sem deshonra (elle que se gloriou sempre de um nome honrado) era confirmar com a sua complicidade o descredito e o envilecimento do poder.

O marechal e o conde de Thomar não podem servir juntos, porque o duque fórma tão desvantajoso conceito do conde, que até *plena justificação*, recusaria admitti-lo á sua sociedade.

No dia, em que Deus o desamparasse ao ponto de abater a espada aos pés do ministerio, n'esse dia devia morrer, porque tinha renegado o juramento de honra de soldado, e as maximas de moral e de decoro de cavalheiro. Era indigno de si e do exercito.

E' pois evidente, que o duque de Saldanha não acceita nem acceitará nunca emprego ou commissão que traga referenda ou approvação do conde de Thomar.

E' inquestionavel tambem, que se considera mais ditoso com a perseguição, do que se o julgassem *docil* a ponto de se aviltar, representando de agente serviçal com a mão estendida para a esmola do despreso dos ministros, os primeiros sempre a escarnecer interiormente das condescendencias injuriosas.

O duque agradece sinceramente ao conde de Thomar as

O DUQUE DE SALDANHA

E

O CONDE DE THOMAR

PORTO

NA TYPOGRAPHIA DE FARIA GUIMARÃES

Rua do Bomjardim, n.º 566

1850